

**ALINE SPANHOL CONEGERO**

**MEMORIALIZAÇÃO DA TORTURA:  
Memorial às Vítimas da Ditadura Militar no Brasil**

Trabalho de Conclusão apresentado à Banca Examinadora do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Paranaense – UNIPAR, como parte das exigências para obtenção do grau de bacharel em Arquitetura e Urbanismo.  
Orientador: Prof.<sup>a</sup> Me. Amanda Paixão

Umuarama

2019

*Eles eram pessoas, mortos e tinham nomes, tinham rostos, desejos e esperanças, e a dor do último de entre os últimos não era menor do que a dor do primeiro, cujo nome há de ficar.*

*Júlio Fuchik*

*Encontrar um desaparecido é honra-lo, dar-lhe um lugar na memória. A palavra 'desaparecido' esconde quatro atos – o sequestro, a tortura, o assassinato, e o desaparecimento.*

*Porque sabemos que não estão desaparecidos, sabemos que estão mortos.*

*Juan Gelman.*

## RESUMO

A Ditadura Militar no Brasil deixou 191 mortos e 293 desaparecidos políticos do ano de 1946 a 1988, sendo a maioria das mortes decorrentes de tortura por órgãos do governo. Além das vítimas fatais, presos políticos e seus familiares sofrem com o esquecimento de um período tão importante da história do país. O presente trabalho tem como objetivo utilizar a arquitetura como meio de memorializar os acontecimentos traumáticos da Ditadura Militar no Brasil, além de apontar como os lugares de memória são importantes para a preservação da história política e da memória das vítimas. O método de pesquisa utilizado para o desenvolvimento do trabalho dividiu-se em duas etapas, sendo elas, revisão bibliográfica e análise de estudos de caso, a fim de obter diretrizes projetuais para o anteprojeto. Como resultado da pesquisa, conclui-se que a memorialização dos espaços de memória contribui não só para a preservação da história, mas também auxilia no desenvolvimento social.

**Palavras chave:** Lugares de memória; Regime militar; Direitos humanos; Memorialização.

## ABSTRACT

**Keywords:**

## **AGRADECIMENTOS**

A minha família, em especial meus pais, pelo amor incondicional e pela oportunidade de realizar este sonho. Ao meu irmão e minha cunhada, por tanto amor e paciência.

A minha orientadora, Amanda Paixão, por acolher o tema com tanto carinho, atenção e dedicação. Aos meus professores e colegas de curso, por contribuírem nessa etapa decisiva da minha vida.

Aos meus amigos, por compreenderem minha ausência. A minha prima Francieli, essencial para a concepção do trabalho.

Por fim, a todos que contribuíram direta ou indiretamente ao trabalho, os meus sinceros agradecimentos!

## SUMÁRIO

aline spanhol conegero .....	1
<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>1.1 Justificativa .....</b>	<b>9</b>
1.1.1 Lugares de Memória .....	9
1.1.2 Memorialização, Memória e História .....	10
1.1.3 O que são memoriais .....	11
1.1.4 Esclarecimento da verdade .....	13
<b>1.2 Objetivos .....</b>	<b>16</b>
1.2.1 Objetivo geral .....	16
1.2.2 Objetivos específicos .....	16
<b>1.3 Metodologia .....</b>	<b>17</b>
<b>2 Estudo de casos .....</b>	<b>18</b>
<b>2.1 Memorial dos Judeus Mortos na Europa .....</b>	<b>18</b>
2.1.1 Conceituação .....	19
2.1.2 Contextualização .....	19
2.1.3 Configuração Funcional .....	21
2.1.4 Configuração Formal .....	27
2.1.5 Configuração tecnológica .....	28
<b>2.2 Memorial e Museu Nacional 11 de setembro .....</b>	<b>29</b>
2.2.1 Conceituação .....	30
2.2.2 Contextualização .....	31
2.2.3 Configuração Funcional .....	34
2.2.4 Configuração Formal .....	40
2.2.5 Configuração tecnológica .....	40
<b>2.3 Soluções projetuais .....</b>	<b>41</b>
<b>CONTEXTUALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO .....</b>	<b>42</b>
<b>2.4 O estado do Rio de Janeiro .....</b>	<b>42</b>
<b>2.5 Os locais de tortura no Rio de Janeiro .....</b>	<b>43</b>
<b>2.6 O terreno .....</b>	<b>44</b>
<b>3 Projeto arquitetônico .....</b>	<b>58</b>
<b>3.1 Programa de necessidades .....</b>	<b>58</b>
<b>3.2 Sistema construtivo .....</b>	<b>59</b>

<b>3.3</b>	<b>Partido arquitetônico.....</b>	<b>60</b>
<b>3.4</b>	<b>Setorização.....</b>	<b>62</b>
<b>3.5</b>	<b>Plano massa.....</b>	<b>63</b>
<b>3.6</b>	<b>Anteprojeto.....</b>	<b>67</b>
<b>4</b>	<b>conclusão .....</b>	<b>76</b>
	<b>Referências .....</b>	<b>77</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O golpe de 1964 foi um marco para o início da Ditadura Militar no Brasil e representa um período de grandes mudanças institucionais, violação dos direitos humanos, prisões, torturas, homicídios, dentre outras violências. Porém, isso não se aplicou somente no Brasil, segundo Neves (2014, p.1), na América Latina as décadas de 1960 e 1970 foram marcadas por golpes militares, instituindo assim, a Ditadura Militar por todo o território Sul-Americano.

Durante 21 anos a Ditadura civil-militar brasileira foi um “poder torturador” que se dividiu entre centros de tortura, extermínio e presídios (TELES, 2011, p.161). Os órgãos responsáveis pela maior quantidade de mortos e torturados foram o Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), Destacamento de Operações de Informações – Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI) e a Operação Bandeirantes (Oban). Segundo o Relatório Brasil Nunca Mais (BNM)<sup>1</sup>, no total, 17.420 pessoas foram atingidas diretamente em relação a tortura, sendo eles, denunciados, indiciados, testemunhas e declarantes.

Desde 2012, o Instituto de Políticas Públicas e Direitos Humanos (IPPDH)<sup>2</sup> tem discutido em encontros sobre como proteger os lugares de memória relacionados a violação dos direitos humanos na América do Sul, associado a ditadura (BUCCI, 2015, p.25). Os lugares de memória relacionados à Ditadura Militar no Brasil são lugares onde no passado foram centros de tortura e resistência. Tais lugares representam a resistência de muitas pessoas que passaram por algum tipo de tortura e para a família da vítima. Até hoje a sociedade apresenta marcas, profundas lembranças de um período de violência extrema, abuso de poder, censura e repressão. Ferrari et al (2009, p.11) afirma que é possível ver os reflexos do regime nos dias de hoje, como a falta de participação política, crítica pessoal e atraso intelectual.

Diante disso, percebe-se a importância em discutir sobre o regime militar com intuito de disseminação do assunto e dos fatos decorrentes do autoritarismo daquela

---

<sup>1</sup> Quadro 25 - Volume da população atingida. Relatório Brasil Nunca Mais (BNM). Disponível em [http://bnmdigital.mpf.mp.br/docreader/DocReader.aspx?bib=REL\\_BRASIL&PagFis=546](http://bnmdigital.mpf.mp.br/docreader/DocReader.aspx?bib=REL_BRASIL&PagFis=546).

<sup>2</sup> “O IPPDH é um órgão do MERCOSUL que visa à coordenação regional e o intercâmbio de experiências nacionais nos processos de memória, verdade, justiça e reparação pelas graves violações aos direitos humanos cometidas durante os períodos ditatoriais” (BUCCI, 2015, p.24)



época. Ademais, é imprescindível a memorialização<sup>3</sup> dos lugares de memória para a reparação das vítimas e lembrança dos desaparecidos e mortos.

## 1.1 Justificativa

No dia 21 de dezembro de 2010, em sua resolução 65/209 a Assembleia Geral das Nações Unidas declarou o dia 30 de agosto como o Dia Internacional Das Vítimas de Desaparecimentos Forçados<sup>4</sup>. Essa iniciativa expressa uma profunda preocupação com os casos de desaparecimentos forçados, presta respeito às vítimas e é uma ação para fortalecer as investigações sobre tais eventos. Posteriormente, em 2011, com a criação da Comissão Nacional da Verdade<sup>5</sup> (CNV) e a divulgação dos documentos do relatório Brasil Nunca Mais<sup>6</sup> (BNM) em 2013, os casos de tortura, desaparecimentos e mortes ficaram mais conhecidos.

No total são 243 desaparecidos no período de 1964 a 1968, das quais 33 vítimas fatais foram identificadas ao longo das últimas décadas segundo as investigações da CNV. Contudo, a lista de desaparecimentos e mortos ainda está aberta a investigações futuras. Em suma, a implementação da memória sobre a Ditadura, é uma forma de honrar as vítimas dos eventos traumáticos e auxiliar na propagação da história política do Brasil.

### 1.1.1 Lugares de Memória

Os lugares de memória são essenciais para a preservação da memória de um período, evento ou acontecimento. Conforme BUCCI (2015, p.21), a preservação desses lugares, embora remetam a memórias difíceis, são protestos de vítimas ou familiares que sofreram e ainda sofrem com o ocorrido. Estes lugares atuam como indícios da história e são provas do passado. Do ponto de vista de Dölff-Bonekämper (2002, p.4), preservar um lugar de memória difícil é preservar uma prova contra os acontecimentos traumáticos, para que sirvam de testemunhos da história. Portanto são de extrema importância para o processo de memorialização.

Sobre esse tema relacionado à Ditadura, Antonini (2017, p.18) afirma que:

---

<sup>3</sup> “Memorialização refere-se a processos através dos quais a memória se perpetua” (NAIDU, 2010, p.11).

<sup>4</sup> ASSEMBLEIA GERAL DA ONU. Resolução 65/209, A/RES/65/209. 30 de março de 2011. Disponível em <https://undocs.org/A/RES/65/209>. Acesso em 21 abril 2019.

<sup>5</sup> Comissão criada para esclarecer violações dos direitos humanos.

<sup>6</sup> BRASIL: NUNCA MAIS é a mais ampla pesquisa realizada pela sociedade civil sobre tortura política no país. Informação disponível em <http://bnmdigital.mpf.mp.br/pt-br/>.

O tema dos lugares de memória associados a processos autoritários e violações de direitos é relativamente recente no Brasil, tanto no âmbito da produção acadêmica quanto no próprio movimento de identificação, preservação e construção destes lugares e sistematização dos dados. [...] o tema envolve diferentes áreas do conhecimento, contando com debates realizados no campo da História, das Ciências Sociais, do Direito e da Psicologia Social, entre outros, mas ainda há poucas publicações no país (ANTONINI, 2017, p.18).

É necessária a busca de “lugares de difusão dessas memórias que foram deslegitimadas ou tornadas invisíveis e os lugares de memória são um desses espaços para reflexão e difusão do não esquecimento, da não repetição” (SOARES; QUINALHA, 2011, p.83). Ainda de acordo com SOARES e QUINALHA (2011), os lugares de memória são uma forma de reparação às vítimas de acontecimentos traumáticos e de difundir a verdade sobre as violações de direitos humanos.

O tombamento<sup>7</sup> de edifícios que tenham alguma importância na memória da sociedade foi um passo importante para o início da memorialização dos lugares de memória no Brasil. Nesse contexto, Bucci (2015, p.33) explica que o tombamento do Arco do Presídio Tiradentes na década de 1980 iniciou os casos de tombamento de edifícios de memória da Ditadura. Outros edifícios tombados foram a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (USP), Departamento de Ordem Política e Social (DOPS-SP), e por último, em 2014, o Destacamento de Operações de Informações – Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI).

### 1.1.2 Memorialização, Memória e História

A memorialização da Ditadura Militar no Brasil é um assunto recente. As violações de direitos humanos só foram reveladas muitos anos após o final da ditadura, por isso houve um atraso no processo de memorialização dos lugares de memória (BUCCI, 2014, p.33).

Segundo Naidu (2010, p.11) “desde o final do século XX, as questões de memória e memorialização ganharam importância crescente entre acadêmicos, políticos e esferas sociais.” Para o autor a memorialização tem grande importância na questão de reconstrução da memória pós-conflito, visto que ela pode ajudar as

---

<sup>7</sup> “O tombamento é um procedimento administrativo no qual o Estado reconhece que o bem é portador de valores culturais e determina a preservação de seus elementos, garantindo a não destruição do imóvel” (SOARES; QUINALHA, 2011, p.82).

vítimas a reintegrar-se na sociedade, abrir espaço para discussão e debates sobre o período e auxiliar na divulgação da verdade.

Sociedades que emergiram de regimes de autoritarismo e violações de direitos humanos são frequentemente caracterizadas por uma cultura do silêncio e falta de engajamento público. Através do processo de memorialização e programas contínuos de educação nos locais de memória, os projetos de memorialização podem promover diálogo público construtivo, discussão e debate. (NAIDU, 2010, p.12)

Para entender melhor sobre memorialização é necessário um conhecimento prévio sobre a memória e história, que é um campo muito discutido entre arquitetos e historiadores. A memória para Goff (1990, p. 477) é “[...] um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia”.

É por meio da memória que a sociedade se estrutura nas tradições, compreende a história e seus costumes, ela contribui para a preservação e o não esquecimento da história (GOFF, 1990, p. 477). Sob o mesmo ponto de vista Nora (1993, p.9), afirma que “a memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento.”

Diante disso, entende-se que história busca a verdade e a realidade dos fatos, enquanto a memória está em constante reconstrução, pois pode ser coletiva e então ir se formulando conforme o passar dos anos, tradições e novas informações. Além de que a memória pode ser manipulada e ter seu contexto diferente do que realmente aconteceu.

### 1.1.3 O que são memoriais

Os memoriais, para Nora (1993, p.22), são lugares de memória e auxiliam na ação contra o esquecimento, eternizam a morte e substanciam o imaterial. Na concepção de Axt (2012, p.87), o memorial é uma contribuição para a sociedade, já que promove a agenda cultural por meio de visitas e agrega valor ao patrimônio.

Os memoriais relacionados à Ditadura Militar no Brasil estão localizados em lugares de memória da Ditadura, o que constata a importância e a preocupação com a memorialização desses lugares. O Mapa 1 apresenta a localização dos memoriais existentes sobre a Ditadura em seus respectivos estados. Mediante o mapa percebe-se que a maioria dos memoriais está na região Sudeste, em São Paulo e

em Minas Gerais. Em São Paulo são três memoriais, sendo todos na cidade de São Paulo. Em Minas Gerais são dois memoriais, porém só um está em funcionamento. O Memorial da Anistia Política no Brasil ainda não está em funcionamento por motivo de atraso nas obras. Já na região Sul, há somente o projeto do Memorial Ico Lisboa, porém até então as obras não começaram. A região Nordeste possui um monumento e dois memoriais em atividade, sendo localizados em Recife, João Pessoa e Fortaleza, respectivamente.

Mapa 1 – Mapa da localização dos memoriais sobre Ditadura Militar no Brasil.

### MEMORIAIS SOBRE A DITADURA NO BRASIL



- |   |                                      |
|---|--------------------------------------|
| 1. memorial ico lisboa                    | 6. memorial dos direitos humanos     |
| 2. memorial da resistência são paulo      | 7. monumento tortura nunca mais      |
| 3. memorial da luta pela justiça          | 8. memorial da justiça eleitoral     |
| 4. memorial na usp                        | 9. memorial da resistencia fortaleza |
| 5. memorial da anistia política do brasil |                                      |

N  
|

Fonte: Maps Of World, 2014. Modificado pela autora, 2019.

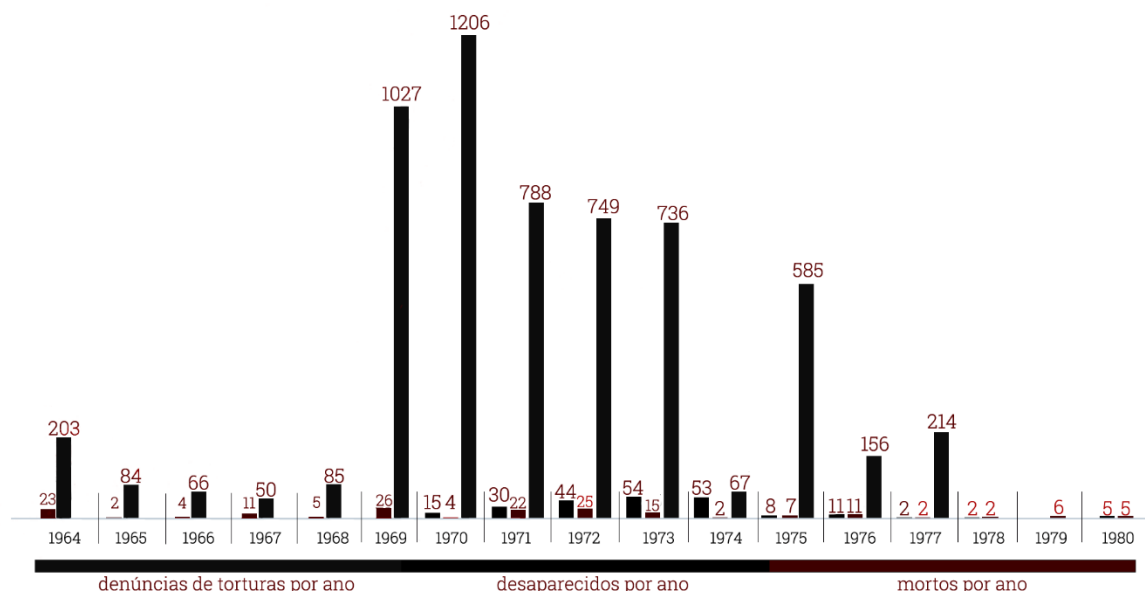
#### 1.1.4 Esclarecimento da verdade

Desde a Lei nº 12.528 de 18 de novembro de 2011 que cria a Comissão Nacional da Verdade (CNV), a luta pelo acesso a informações, arquivos e dados da Ditadura Militar no Brasil ganhou força. Com a criação da CNV, as pessoas podem ter acesso à quantidade de mortos, desaparecidos, tipos de tortura, e até a biografia dos mortos e desaparecidos identificados. Contudo, a memória das vítimas e familiares que passaram por algum tipo de repressão na Ditadura, se faz importante visto que não há todos os dados necessários para a compreensão dos acontecimentos (SILVA, 2018, p.20).

O Gráfico 1 apresenta os dados relacionados à quantidade de denúncias de torturas, desaparecidos e mortes por ano. Mediante o gráfico percebe-se que o número de denúncias de tortura é bem maior que o número de desaparecidos e mortos. Isso se dá pelo número de casos não resolvidos e processos não finalizados.

Gráfico 1 - Relação de número de denúncias de torturas, número de mortos e desaparecidos.

RELAÇÃO DE NÚMERO DE DENÚNCIAS DE TORTURAS, NÚMERO DE MORTOS E DESAPARECIDOS.



Fonte: Elaborado pela autora perante os dados disponíveis no Relatório BNM e no Relatório de Mortos e Desaparecidos da CNV.

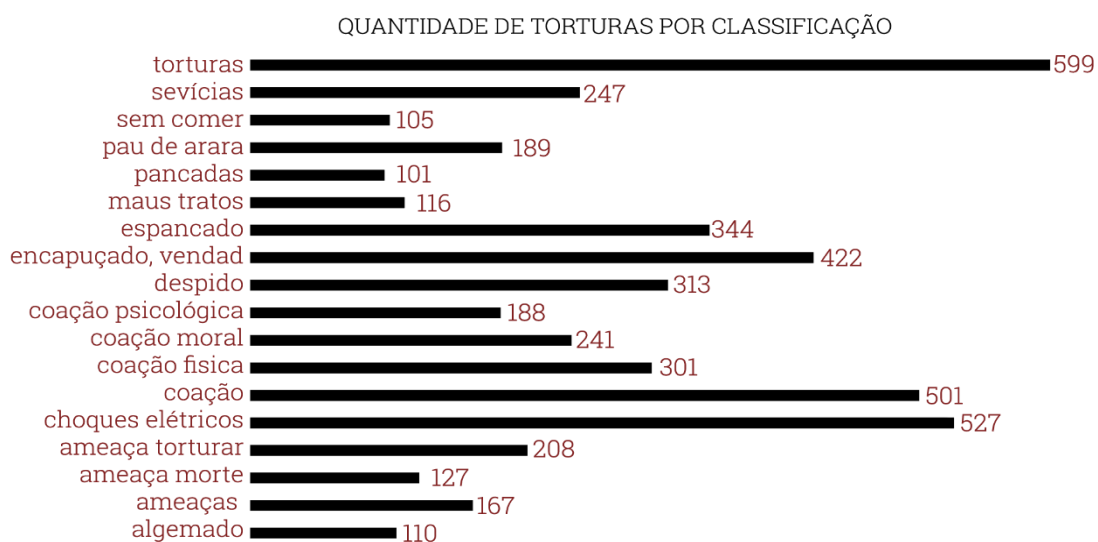
Não se encontrou relatórios sobre a quantidade de denúncias de torturas a partir de 1978. Por meio do Gráfico 1, também é possível perceber que a maior

incidência de número de denúncias acontece nos anos de 1969 até 1978. Isso se dá pela vigência do Ato institucional número 5 (AI-5)<sup>8</sup> que durou de 1968 até 1978 e foi o período mais obscuro da ditadura, o qual fortaleceu a censura, a repressão e resultou em um número maior de torturas, desaparecimentos e mortes.

De acordo com o volume III do Relatório da Comissão Nacional da Verdade são 191 mortos e 293 desaparecidos políticos no Brasil, no exterior desde o dia 18 de setembro de 1946 a 5 de outubro de 1988. Conforme os dados disponibilizados na CNV, a maioria das mortes era decorrente de torturas.

Para ocultar as reais circunstâncias desses assassinatos, os órgãos de segurança montaram encenações de falsos tiroteios, suicídios simulados ou acidentes<sup>9</sup>. Ainda de acordo com a CNV, para desaparecer com os corpos, os órgãos usaram estratégias como sepultar corpos com identidade falsa, enterrar em cemitérios públicos ou em valas clandestinas, lançar corpos no mar ou rio, incinerar e esquartejar os corpos. Em alguns casos, os corpos das vítimas eram entregues em caixões lacrados ou simplesmente desapareciam. Os órgãos comunicavam à família que a vítima morreu em tiroteios, ou suicídio.

Gráfico 2 - Número de denúncias de tortura por classificação.



Fonte: Elaborado pela autora perante os dados disponíveis no Relatório BNM.

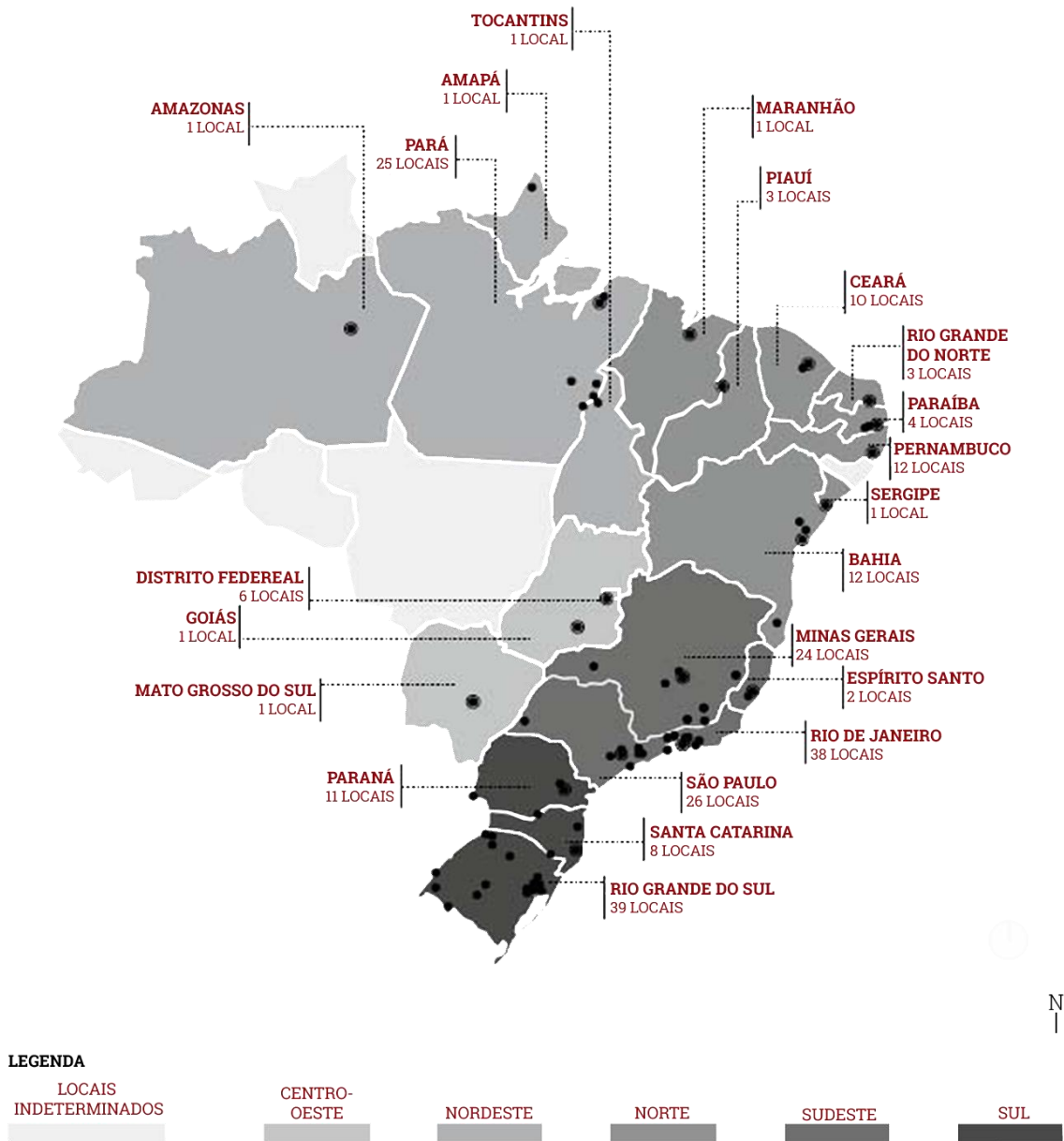
<sup>8</sup> “O Presidente da República poderá decretar a intervenção nos estados e municípios, sem as limitações previstas na Constituição, suspender os direitos políticos de quaisquer cidadãos pelo prazo de 10 anos e cassar mandatos eletivos federais, estaduais e municipais, e dá outras providências” (ATO INSTITUCIONAL Nº 5, 1968).

<sup>9</sup> COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE. Relatório. Brasília: CNV, 2014, vol. I, tomo I, p.438. Acesso em 19 de março de 2019, disponível em <http://www.cnv.gov.br/>.

O gráfico 2 aponta a quantidade de denúncias dos tipos de torturas mais relevantes. Essas torturas deixaram marcas terríveis nas vítimas que em muitos casos levou ao suicídio. Os tipos de torturas vão além deste gráfico, sendo 310 tipos de tortura de acordo com o Relatório Brasil Nunca Mais (BNM).

O mapa 2, logo abaixo, apresenta a quantidade de locais de tortura espalhados pelo território brasileiro. Notam-se no mapa as regiões onde há um número maior desses locais.

Mapa 2 - Mapa dos locais de graves violações de direitos humanos.  
 LOCAIS DE GRAVES VIOLAÇÕES DOS DIREITOS HUMANOS



Fonte: Comissão Nacional da Verdade, Volume I, 2014. Modificado pela autora, 2019.

Esses locais de tortura eram órgãos públicos, como Polícia Federal, delegacias, presídios e lugares clandestinos, porém os órgãos mais conhecidos, como dito anteriormente, foram o Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), DOI-CODI e a Operação Bandeirantes (Oban). Os presos políticos eram torturados e, em alguns casos mortos. Muitas pessoas que foram presas e levadas para esses órgãos nunca mais foram vistas e estão desaparecidas até hoje.

Perante os argumentos supracitados, conclui-se que apesar do processo de memorialização que vem decorrendo nos últimos anos, e a existência de alguns memoriais em funcionamento, ainda existem muitos lugares de memória da Ditadura que estão sem uso, ou com uso indevido. O processo de memorialização dos lugares de memória ampliará a divulgação da verdade, dos acontecimentos traumáticos e a preservação da memória de uma parte da história do Brasil. Além disso, é preciso abrir debates e discussões sobre o episódio para que as vítimas, a história e os familiares não sejam esquecidos.

## **1.2 Objetivos**

### 1.2.1 Objetivo geral

Desenvolver um anteprojeto de um Memorial sobre a Ditadura Militar no Brasil, na cidade do Rio de Janeiro, relacionando momentos de repressão e resistência ocorridos durante 21 anos (1964-1985).

### 1.2.2 Objetivos específicos

- Pesquisar e levantar dados para obter subsídios teóricos que contribuam para a compreensão do tema;
- Compreender como os lugares de memória são importantes para a preservação da história política e para o processo de memorialização;
- Analisar por meio de gráficos e mapas a relação de torturados, mortos, desaparecidos e os diversos tipos de tortura;
- Apontar os memoriais existentes sobre Ditadura no Brasil por meio de mapas e dados para justificar a implantação escolhida;
- Auxiliar na preservação da história política e da memória das vítimas por meio da arquitetura.



### 1.3 Metodologia

O presente trabalho se desenvolve por meio de cinco etapas, nas quais, primeiramente será realizado o estudo do tema, que envolve pesquisas bibliográficas, artigos, dissertações e textos sobre a Ditadura Militar no Brasil relacionando-a com a arquitetura e a memória. Além de levantamento de dados mediante os dossiês e relatórios.

Na segunda etapa serão analisados dois estudos de caso<sup>10</sup>, nos quais abordam princípios como conceituação, contextualização, configuração formal, funcional, tecnológicos e por fim, soluções projetuais que auxiliarão no projeto a ser desenvolvido.

Já a terceira etapa se dará por análises sobre a contextualização do município para a implantação do edifício.

Posteriormente, na quarta etapa, ocorrerá a escolha do terreno, levando em conta os aspectos físicos através de análises sobre topografia, zoneamento, entorno imediato, fluxos viários e condicionantes climáticas. Diante dos dados obtidos nas etapas anteriores, será desenvolvido um estudo sobre pré-dimensionamento, setorização, plano massa e partido arquitetônico.

Na última e quinta etapa, será apresentada a proposta de anteprojeto levando em conta os dados e análises obtidas até então.

---

<sup>10</sup> “Consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento” (GIL, 2002, p. 54).

## 2 ESTUDO DE CASOS

Serão analisadas duas obras relacionadas ao tema, que auxiliará no desenvolvimento do programa de necessidades, a fim de obter soluções projetuais para o projeto a ser desenvolvido.

### 2.1 Memorial dos Judeus Mortos na Europa

Localizado na Alemanha, o Memorial homenageia seis milhões de Judeus mortos na Europa mediante ao Nazismo. A escolha do projeto (figura 1) se dá por seu significado sentimental e histórico, racionalidade e o modo em que o arquiteto conduz o usuário a conhecer a obra por meio da arquitetura, sem simbolismo ou roteiro.

Figura 1 - Foto aérea Memorial dos Judeus Mortos na Europa.



Fonte: Archdaily, 2016. Modificado pela autora, 2019.

Tabela 1 - Ficha técnica Memorial dos Judeus Mortos na Europa.

Ficha técnica	
Arquiteto	Peter Eisenman
Localização	Rua Cora Berliner 1, 10117 Berlin, Alemanha
Ano do projeto	1998
Ano de construção	2005
Área do projeto	Aproximadamente 22.000m <sup>2</sup>
Área do terreno	19.000m <sup>2</sup>
Tipo do projeto	Cultural
Sistema Construtivo	Concreto Armado

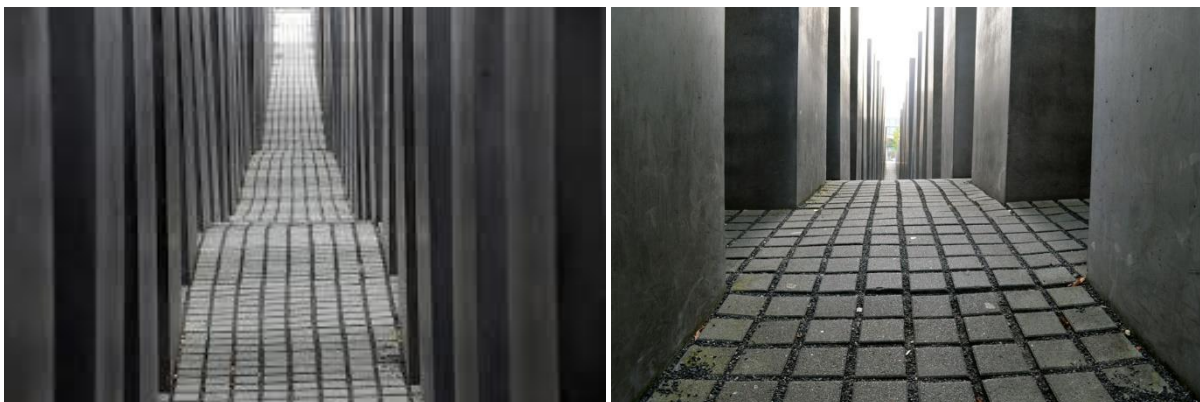
Fonte: Elaborado pela autora com os dados disponíveis em Vitruvius, 2019.

### 2.1.1 Conceituação

O memorial consiste em um campo de estelas<sup>11</sup> na parte térrea (figura 1) e um Centro de Informações no subsolo. Ao andar pelo terreno, os blocos de concreto passam a impressão de um arranjo aleatório e desordenado. Todavia, os blocos foram dispostos através de uma malha reticulada. Conforme Lucena (2010, p.161), os blocos são dispostos em duas malhas ondulantes e distintas, uma segue a topografia do terreno, e outra se configura por meio do topo dos blocos.

O memorial não possui identificação imediata nem eixo ou simbolismo religioso. O usuário que guia seu caminho por meio do labirinto de múltiplas entradas e saídas, através de seus sentidos e vontades. Na figura dois nota-se a irregularidade do terreno e a paginação em malha. Os blocos seguem rigorosamente a malha disposta e aumentam a altura conforme o desnível do terreno.

Figura 2 - Irregularidade do terreno e a malha reticulada



Fonte: ThoughtCo, 2018; Awayplan, 2012, respectivamente.

### 2.1.2 Contextualização

O projeto está localizado em Berlim, um centro europeu que foi devastado por duas guerras mundiais. A cidade possui mais de 3,5 milhões de habitantes, conforme os dados disponíveis no Portal Statistik<sup>12</sup>. Com a queda do muro de Berlim, sobrou um grande vazio urbano composto por trilhas e labirintos de escombros, o que resultou em uma memória cultural fragmentada que ainda está se

<sup>11</sup> Placa de pedra destinada a ter inscrições ou esculturas (MICHAELIS, 2019)

<sup>12</sup> Portal Statistik. Área e população por país (Alemanha). Disponível em <https://www.statistikportal.de/de/bevoelkerung/flaeche-und-bevoelkerung>. Acesso em 25 de abril de 2019.

reescrevendo e se reconstruindo (LUCENA, 2010, p.183). A figura três apresenta o mapa de Berlim e sua localização no mapa da Alemanha.

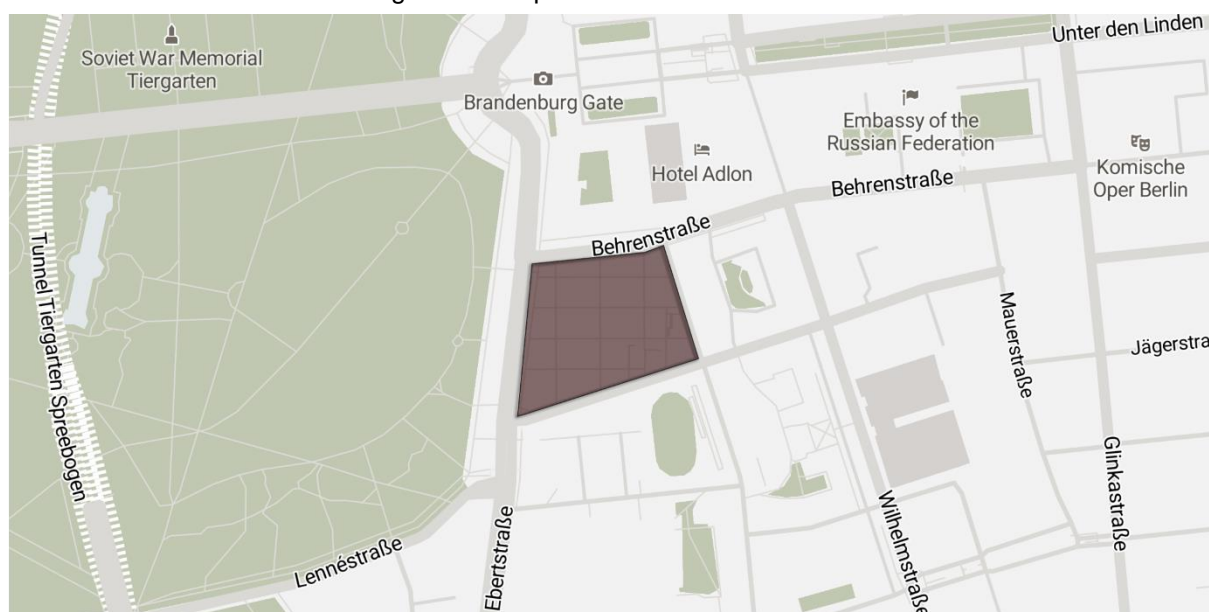
Figura 3 - Mapa da localização de Berlim na Alemanha; Mapa de Berlim, respectivamente.



Fonte: Free US and World Maps.com, 2010; CantStokPhoto, 2011, respectivamente. Modificado pela autora, 2019.

Localizado entre as ruas Ebertrasse, Behrenstrasse, Cora Beliner e Hannah Arendt, o projeto se encontra no coração de Berlim, ao sul do Portão Luxemburgo e ocupa um terreno acidentado de 19.000m<sup>2</sup>. Como pode ser percebido na figura quatro, o projeto respeita o gabarito dos prédios existentes, uma vez que os prédios possuem de 2 á 10 pavimentos e o memorial possui no seu ponto mais alto, 4,7 metros de altura.

Figura 4 – Mapa macro entorno imediato.



RELAÇÃO PROJETO COM O ENTORNO

0 50 100m

Fonte: Mapbox,2019. Modificado pela autora, 2019.

O memorial não possui acesso principal (figura 5), dessa forma os usuários têm a possibilidade de acesso por todos os lados do terreno que acontece no nível da calçada. Ao nivelar o passeio a pavimentação do projeto, cria-se uma continuidade, contribuindo com a inserção da obra na cidade.

Figura 5 – Mapa micro entorno imediato.



RELAÇÃO PROJETO COM O ENTORNO

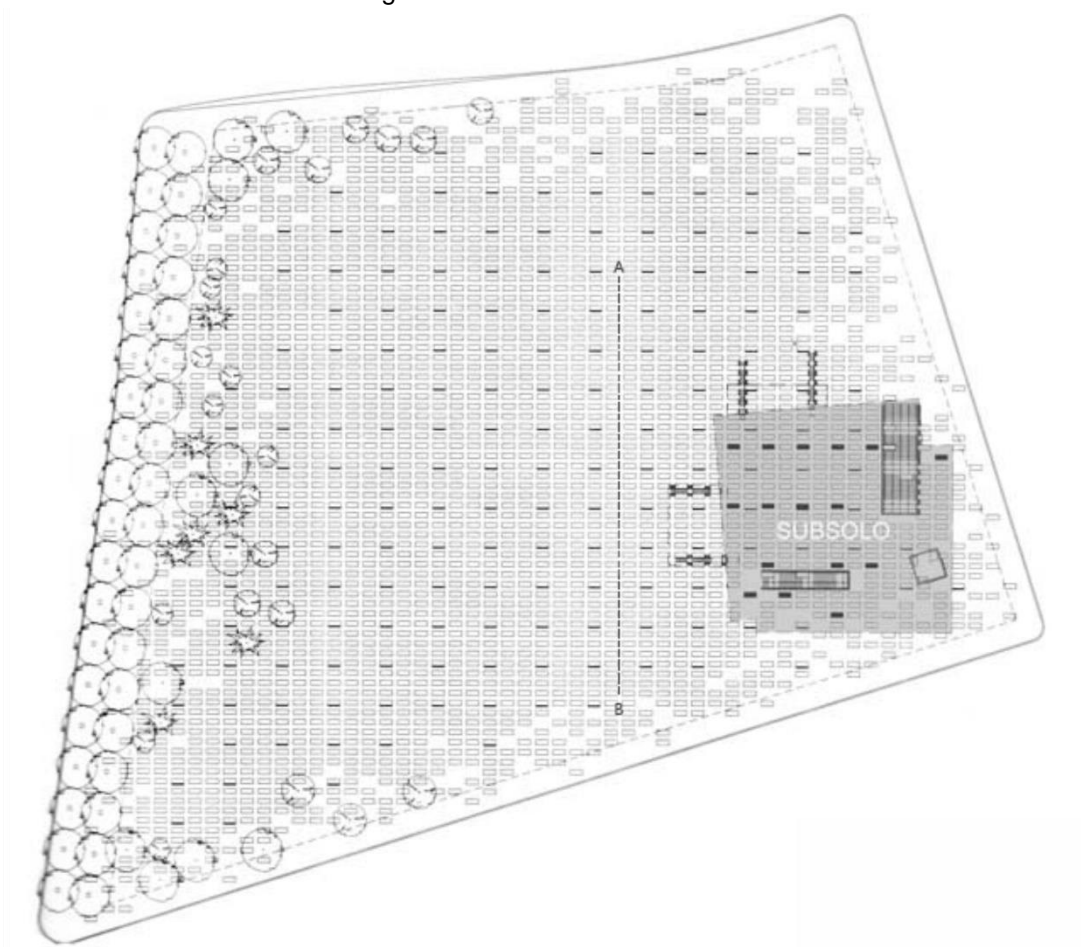
0 50 100m

Fonte: Mapbox, 2019. Modificado pela autora, 2019.

### 2.1.3 Configuração Funcional

O projeto se distribui em dois níveis, sendo térreo e subsolo. No primeiro, térreo, (figura 6) a circulação ocorre por meio dos estreitos corredores entre os blocos de concreto de diferentes alturas, podendo causar angústia e desorientação, sentimentos esses, sentido por muitos Judeus no Nazismo.

Figura 6 - Planta Baixa Subsolo



RELAÇÃO PROJETO COM O ENTORNO

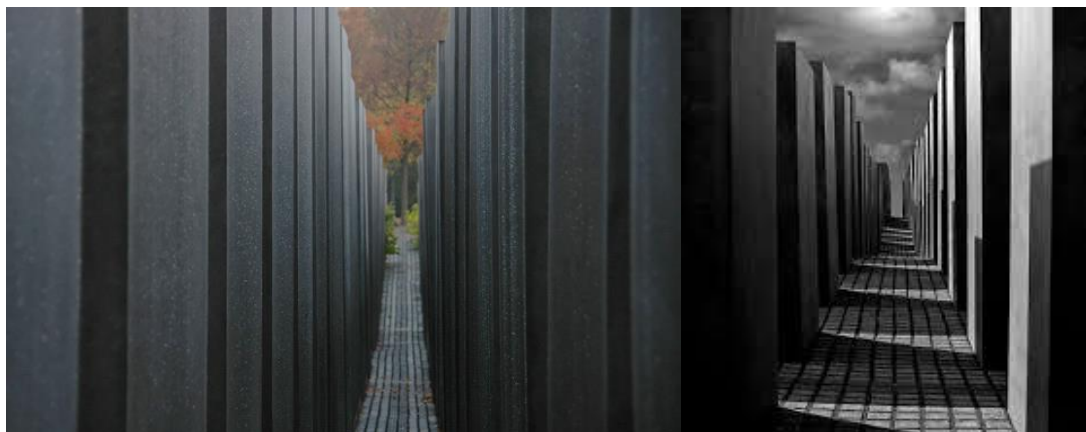
0 25 50m

Fonte: LUCENA, 2010. Modificado pela autora, 2019.



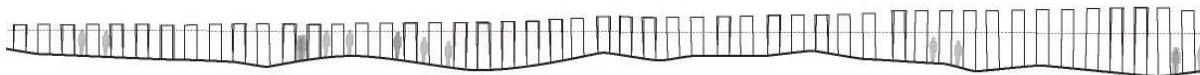
Como se pode perceber na figura 7 e 8, por não contar com cobertura no térreo, o usuário está exposto às intempéries, causando assim, sensação de desproteção.

Figura 7 - Circulação entre as estelas



Fonte: LUCENA, 2010. Modificado pela autora, 2019.

Figura 8 - Seção AB planta térrea.



Fonte: Roulan Tong, 2014. Modificado pela autora, 2019.

Já na parte sudoeste do terreno, no subsolo, está localizado o Centro de Informações do memorial. De acordo com o site do memorial<sup>13</sup> o projeto preserva documentos sobre a perseguição e extermínio dos Judeus na Europa durante o Nazismo. Para encontrar o Centro, o usuário tem que, de certa forma, procurá-lo entre as estelas, já que não há informação sobre a localização exata da entrada (figura 9). O acesso se por meio de duas escadas e um elevador, todos guiam o usuário até o lobby (figura 10). Os espaços são bem distribuídos, e as circulações bem definidas. Ao contrário da parte térrea do memorial, o usuário pode seguir uma ordem para ver as exposições.

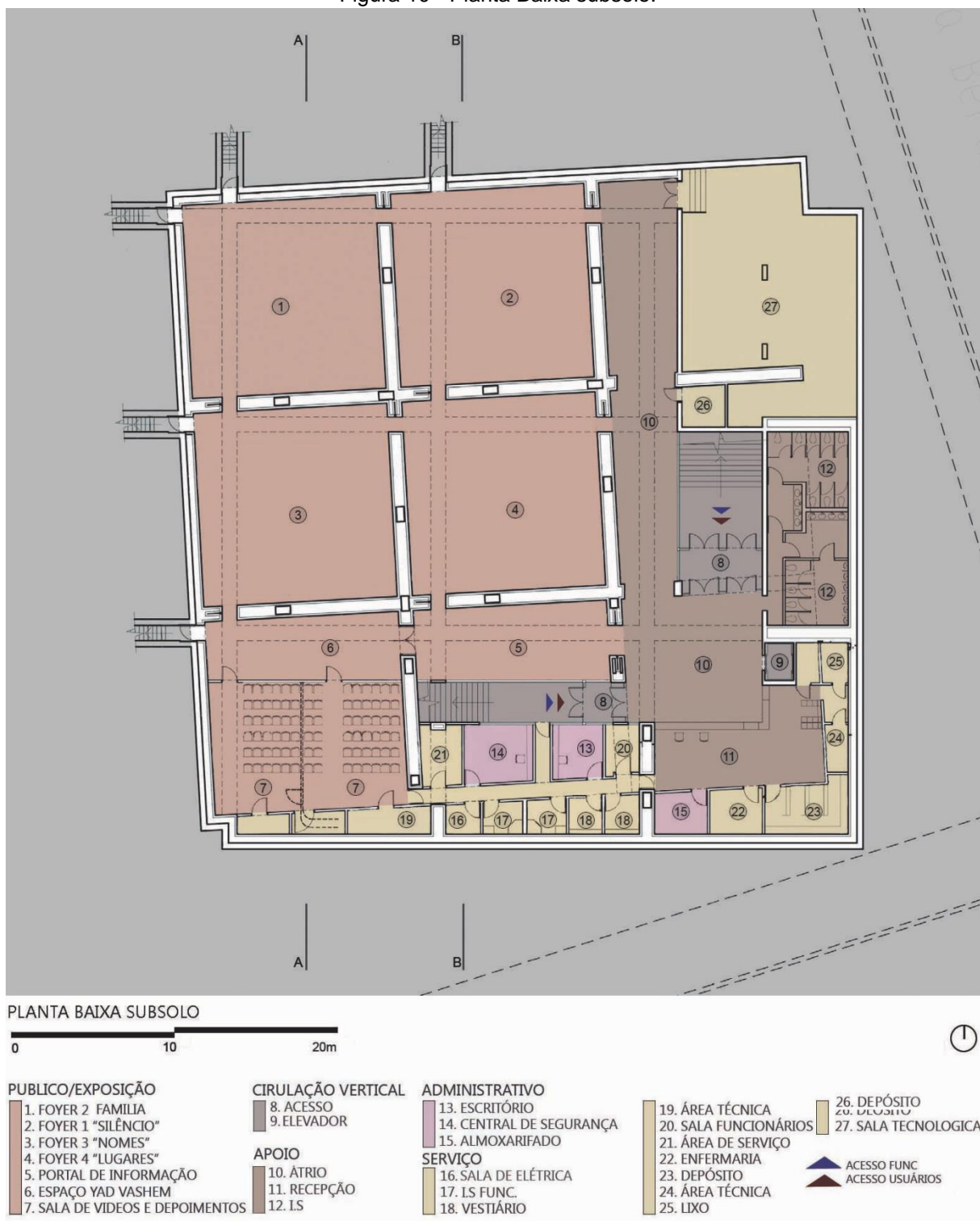
Figura 9 - Acesso ao Centro de Informações.



Fonte: Britannica Kids, [200-?]. Modificado pela autora, 201

<sup>13</sup> Stiftung Denkmal für die ermordeten Juden Europas: Startseite. Disponível em <https://www.stiftung-denkmal.de/en/memorials/the-memorial-to-the-murdered-jews-of-europe.html>. Acesso em 26 de abril de 2019.

Figura 10 - Planta Baixa subsolo.

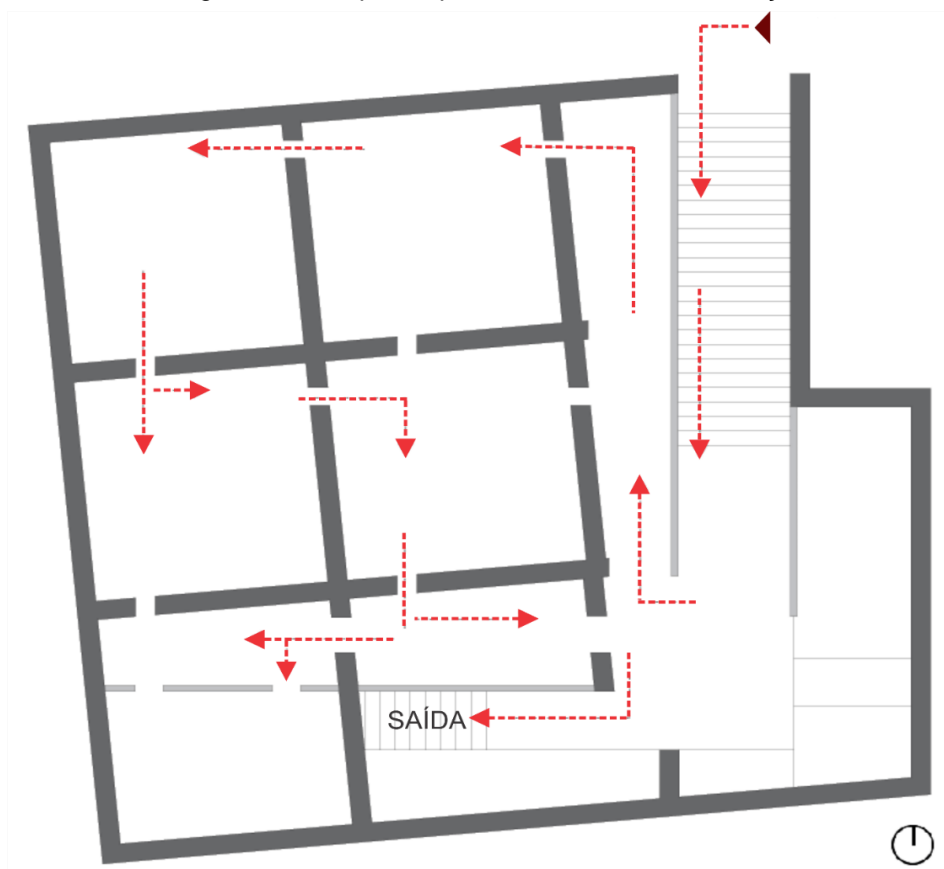


Fonte: Eisenman Architects, 2005. Modificado pela autora, 2019.

Essa ordem é mantida por meio da delimitação do caminho que ocorre com faixas lineares precisas que guiam o visitante por todo o percurso, fazendo com que as exposições façam sentido e se complementem. Na figura 11, nota-se o percurso que o usuário irá seguir.



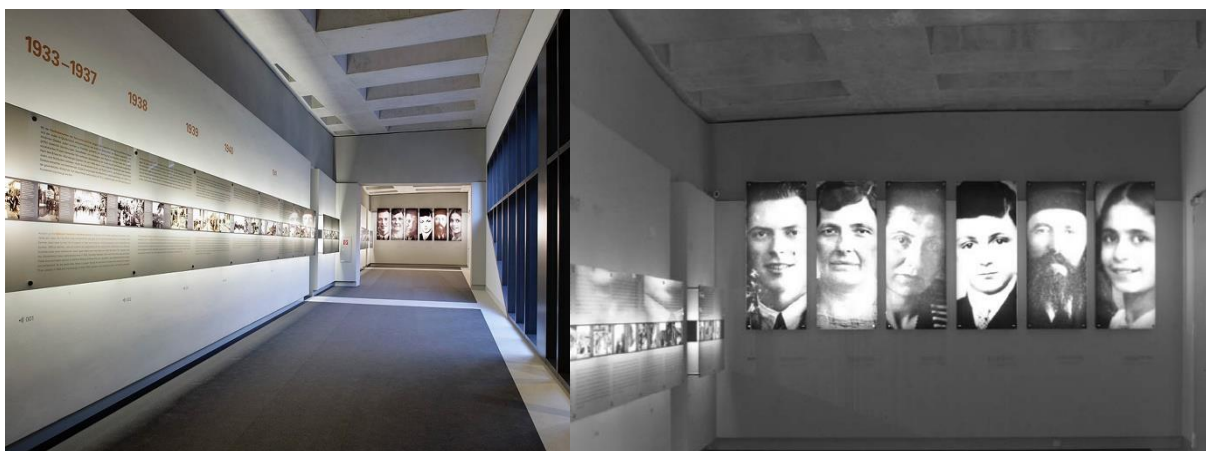
Figura 11 – Esquema percurso Centro de Informações.



Fonte: Makeshift, 2017. Modificado pela autora, 2019.

No lobby (figura 12) o usuário terá uma visão geral da história política através de uma linha do tempo. Na parede da frente fica o retrato de seis vítimas judias que representam os seis milhões de Judeus mortos na Europa.

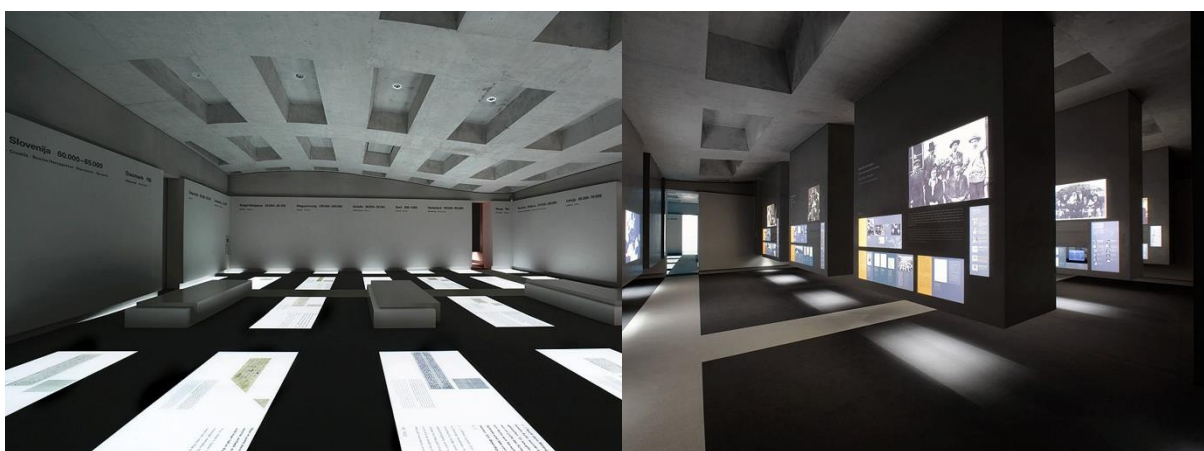
Figura 12 - Lobby Centro de Informações.



Fonte: Burohappold Engineering, [2005?]; ResearchGate, 2009, respectivamente. Modificado pela autora, 2019.

O foyer<sup>14</sup> 1 é composto por trechos de livros, cartas e diários feitos durante a perseguição, nas quais, são apresentadas em telas no chão. Já a segunda sala de exposição é a sala Silêncio (figura 13). De acordo com o site do memorial, a sala conta a história de 15 famílias judaicas apresentadas por meio de documentos e fotos, como era a vida antes, durante e depois do Holocausto. Continuando o caminho, no foyer três (figura 14) é possível ler curtas biografias de judeus assassinados. Na sala Lugares (foyer 4) são apresentados em telas, lugares de perseguição e extermínio dos judeus vítimas do Nazismo.

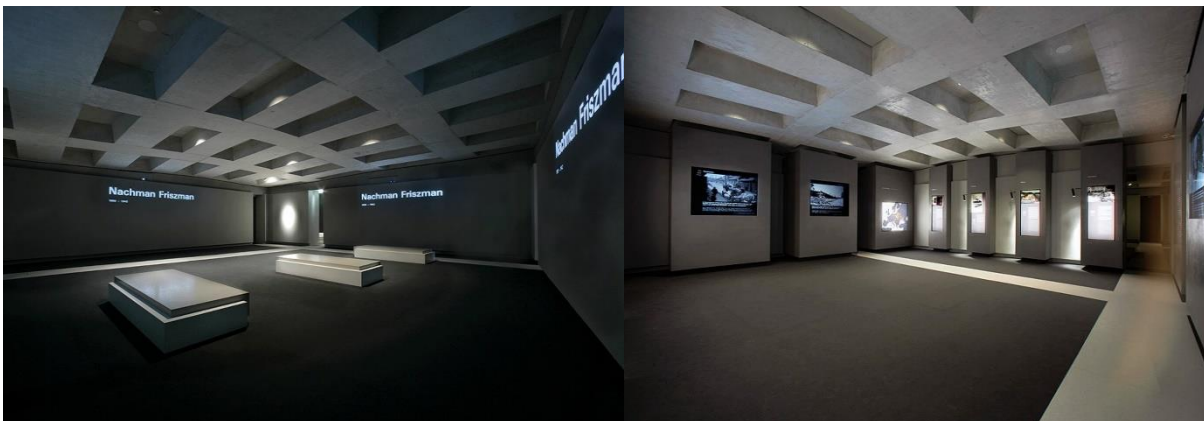
Figura 13 - Sala Silêncio; Sala Família, respectivamente.



Fonte: Kardorff, [2005?]. Modificada pela autora, 2019.

Logo após, no portal de informações, de acordo com o site do memorial, é oferecido aos usuários uma visão da paisagem europeia através do portal do memorial, onde existem informações sobre mais de 550 lugares de memória em 35 países. O espaço Yad Vashem fornece os nomes de 3,2 milhões de judeus assassinados durante o Holocausto.

Figura 14 - Sala Nomes; Sala Lugares, respectivamente.



Fonte: Kardorff, [2005?]. Modificada pela autora, 2019.

<sup>14</sup>Salão onde os espectadores podem ficar aguardando o início do espetáculo ou permanecer durante o intervalo entre os atos (MICHAELIS, 2019).

Por último, a sala de vídeos apresenta mais de 150 entrevistas em vídeos sobre a vida de alguns perseguidos.

#### 2.1.4 Configuração Formal

Na concepção de Yamamoto (2014, p.121), o projeto se configura mediante cheios e vazios, sendo o segundo com maior predominância. Na figura 15, é possível notar que os blocos de concreto maciços seguem a malha reticulada, no qual proporciona racionalidade ao projeto.

Figura 15 - Malha reticulada das estelas



Fonte: Makeshift, 2017. Modificado pela autora, 2019.

Segundo o site do memorial, o térreo é configurado por 2.711 estelas com 95 centímetros de largura e 2,38 metros de profundidade. A altura das estelas depende do local de inserção, variando de 20 centímetros a 4,7 metros, ocasionando assim, um efeito ondulatório na visão do observador, como pode ser visto na figura 16.

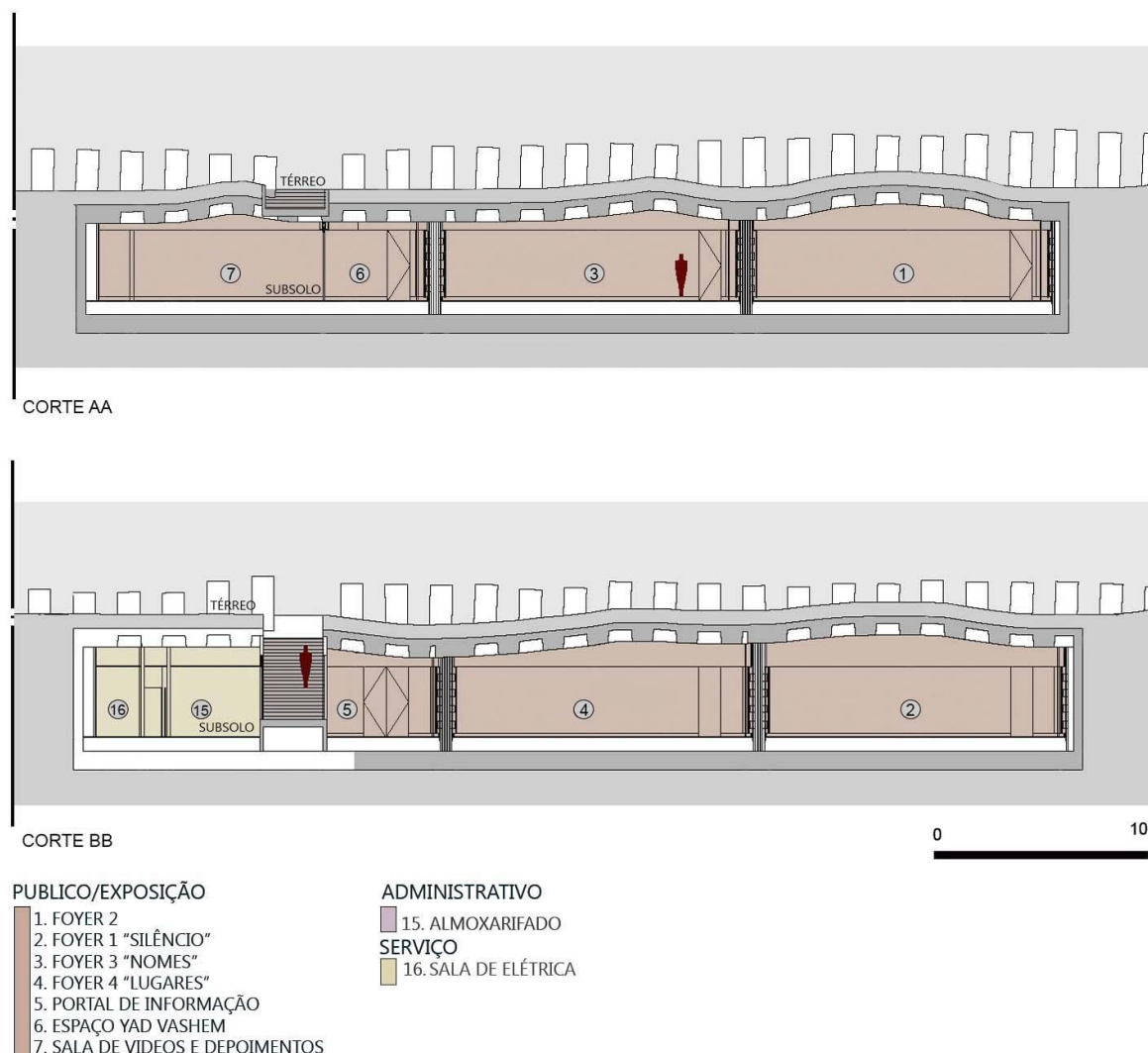
Figura 16 - Vista superior das estelas.



Fonte: Eisenman Architects [2005?]. Modificado pela autora, 2019.

Através dos cortes (figura 17) é possível observar como as estelas se comportam no terreno e como são evidenciadas por meio de vazios na laje de concreto, no interior do Centro de Informações.

Figura 17 - Cortes Memorial dos Judeus mortos na Europa.



Fonte: Eisenman Architects, [2005?]. Modificado pela autora, 2019.

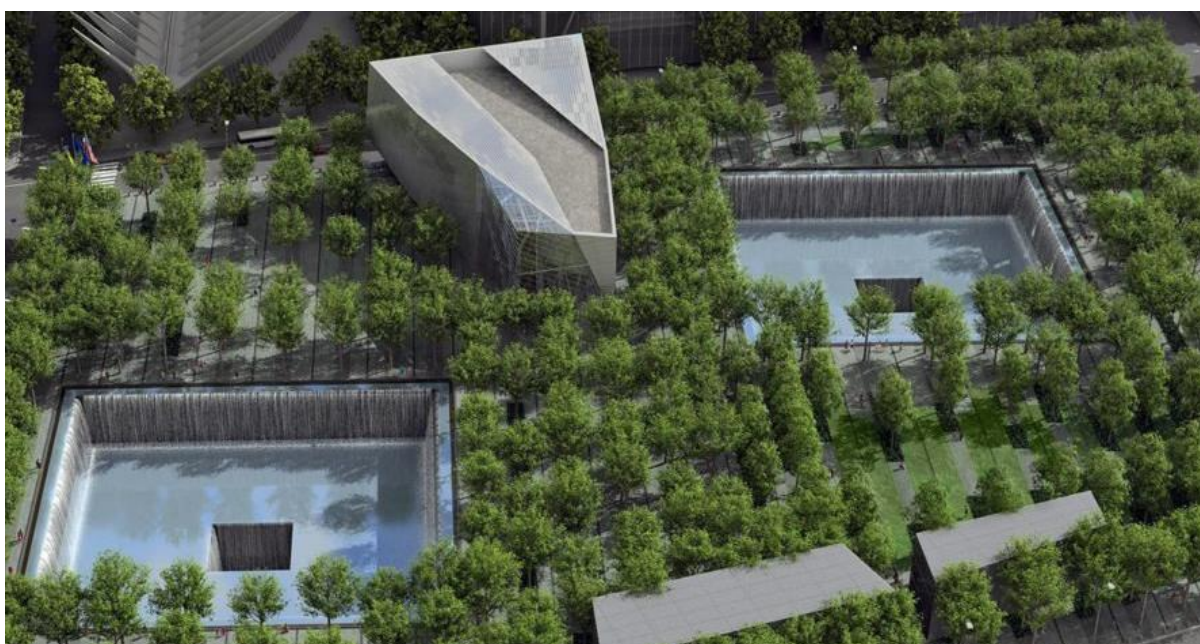
### 2.1.5 Configuração tecnológica

O material predominante no projeto é o concreto, usado tanto nas estelas, na pavimentação da calçada e do memorial, quanto na estrutura do Centro de Informações. Conforme o site do memorial, as estelas foram construídas com concreto extraduro e receberam reforço de aço em sua estrutura. Nota-se que o uso concreto não é só como sistema construtivo, mas como forma de materializar a arquitetura em sua forma mais pura.

## 2.2 Memorial e Museu Nacional 11 de setembro

O projeto foi pensado e executado a fim de preservar a memória dos ataques do dia 11 de setembro de 2001. Conforme o site do memorial<sup>15</sup>, esse ambiente presta uma homenagem às 2.977 vítimas dos ataques que ocorreram em New York, Pensilvânia, no Pentágono e as seis vítimas do atentado de 1993 contra a torre norte do World Trade Center. A escolha do projeto (figura 18) deve-se por conta do projeto se relacionar com o entorno, respeitando o gabarito e criando um novo espaço de convivência e contemplação.

Figura 18 - Perspectiva memorial e pavilhão do museu



Fonte: Vitruvius, 2014.

Figura 19 - Ficha técnica Memorial e Museu Nacional 11 de setembro

Ficha técnica	
Arquiteto	Davis Brody Bond Architects and Planners
Localização	Greenwich Street, New York, 10006 Estados Unidos
Ano do projeto	2006
Ano de construção	2014
Área do projeto	Aproximadamente 10.000m <sup>2</sup>
Área do terreno	32374,9m <sup>2</sup>
Tipo do projeto	Cultural
Sistema Construtivo	Concreto

Fonte: Elaborado pela autora perante os dados disponíveis em Vitruvius, 2019.

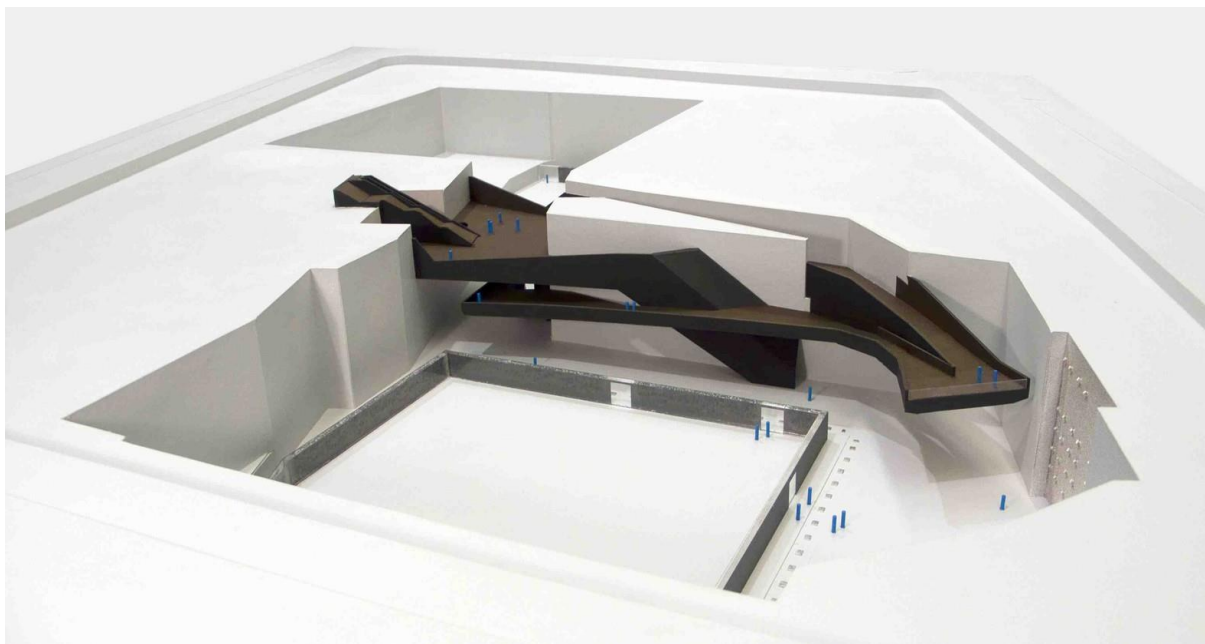
<sup>15</sup> 911MEMORIAL. Disponível em <https://www.911memorial.org/about-memorial>

### 2.2.1 Conceituação

O conceito do projeto, segundo Karina Rosenfield (2014), tem como princípios quatro vertentes, sendo elas, memória, autenticidade, escala e emoção, que conta de forma solene e sensível o trágico episódio.

Conforme Dietzsch<sup>16</sup> (2011), o partido do memorial foi de mínima intervenção, que respeita as fundações do antigo complexo, criando uma rampa de conexão entre o memorial e o museu que guia o usuário para as exposições que são provas vivas do ataque. O museu é subtraído para a essência da forma, poupando o uso de cores e texturas para que não se contraste com as exposições. De acordo com o site da equipe do projeto<sup>17</sup>, o elemento que narra a história é a rampa, que leva de forma gradual e suave o usuário até as fundações. As piscinas exatamente do mesmo tamanho e no mesmo lugar que eram implantadas as Torres Gêmeas, materializam do sentido da ausência.

Figura 20 - Rampa gradualmente inclinada que guia os usuários



Fonte: Archdaily, 2014.

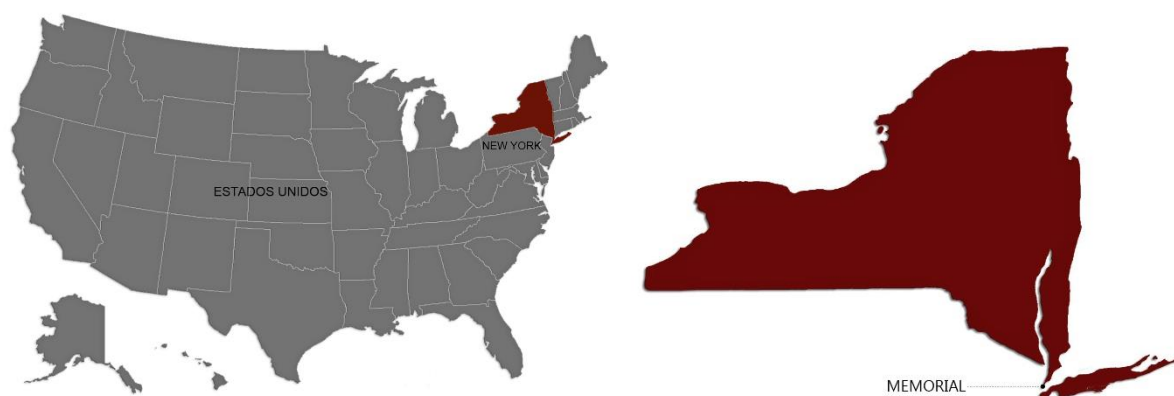
<sup>16</sup> Em entrevista realizada por Vitruvius (2011)

<sup>17</sup> Davis Brody Bond Architects and Planners. Disponível em <http://www.davisbrody.com/portfolio/national-september-11-memorial-museum/>.

## 2.2.2 Contextualização

Em 2001, a cidade de New York foi vítima de ataques terroristas ocorridos contra o complexo World Trade Center. O memorial está localizado exatamente onde o complexo estava implantado, no Marco Zero. Conforme Rosenfield (2012) essa construção é uma das mais emblemáticas de New York e que ocupa aproximadamente uma área de 32.374,9m<sup>2</sup>.

Figura 21 - Mapa do estado de New York em relação ao Estados Unidos.



Fonte: Wikimédia Commons, 2006; Clip Art Best, [2013?], respectivamente. Modificado pela autora, 2019.

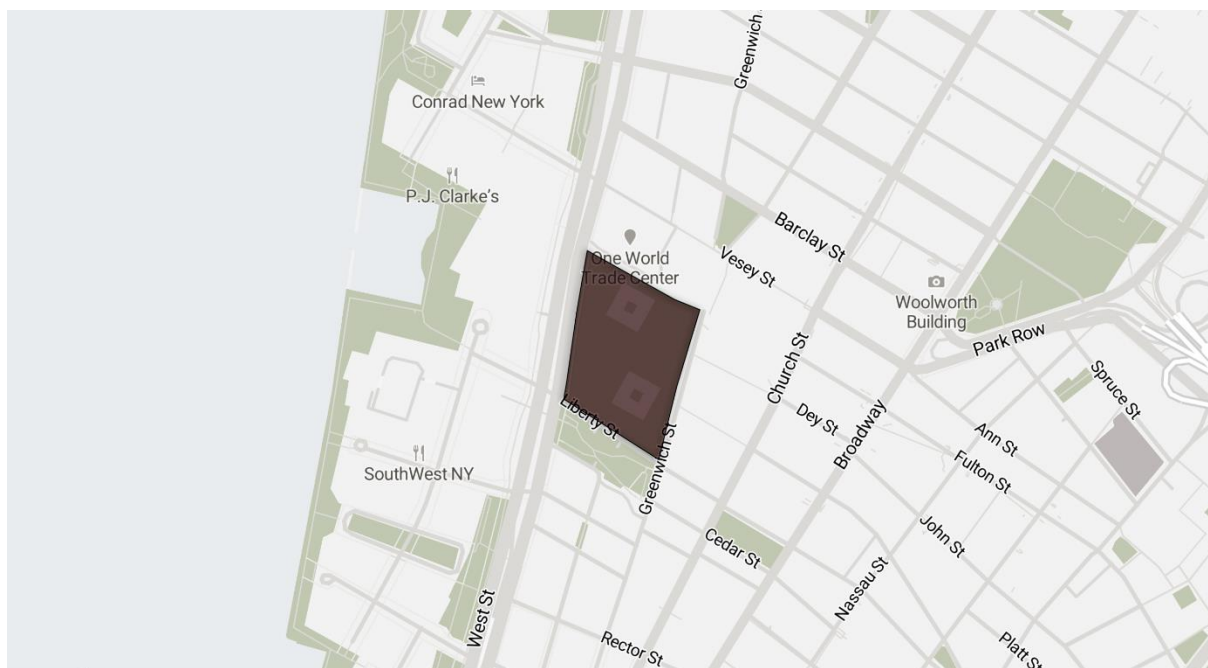
As torres gêmeas que faziam parte do complexo configuraram por muito tempo a Skyline da cidade. A figura 22, apresenta um comparativo da Skyline de New York em 2000, antes do ataque, e depois em 2014 após a construção do projeto.

Figura 22 - Foto antes e depois do dia 11 de setembro de 2001.



Fonte: Boston.com, 2000; Time, 2014, respectivamente. Modificado pela autora, 2019.

Figura 23 – Mapa macro entorno imediato.



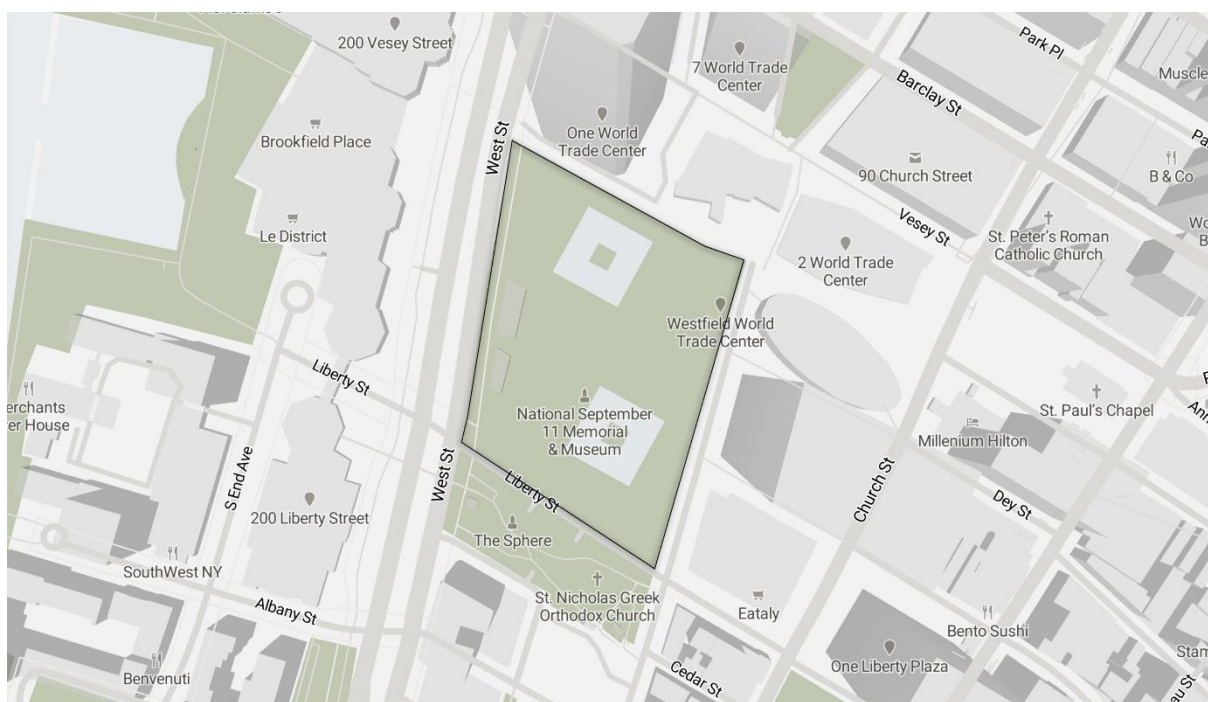
RELAÇÃO PROJETO COM O ENTORNO

0 50 100m

Fonte: Mapbox,2019. Modificado pela autora, 2019.

Localizado no sul da ilha de Manhattan o projeto ocupa uma quadra inteira, circundada pelas ruas West, Liberty, Fulton e Greenwich.

Figura 24 – Mapa micro entorno imediato.



RELAÇÃO PROJETO COM O ENTORNO

0 50 100m

Fonte: Mapbox,2019. Modificado pela autora, 2019.



O usuário pode permear por qualquer parte do terreno, como pode ser visto na figura 24, já que o mesmo não possui barreira física que o impeça de acessar a obra ou um acesso delimitado que o direcione a mesma.

Próximo ao rio Hudson, o memorial é de fácil acesso, já que ao lado se encontra a estação de metrô do World Trade Center, projetada pelo arquiteto Santiago Calatrava. O entorno imediato do projeto é composto pelos sete prédios que compõe o complexo do World Trade Center e por alguns prédios corporativos. Há espaços de lazer como o complexo Brookfield Place, com restaurantes e lojas, e o parque Liberty.

Figura 25 – Entorno do complexo World Trade Center.



Fonte: Aecom, [2019?], respectivamente. Modificado pela autora, 2019.

O entorno imediato possui um gabarito alto, incluindo o edifício One World Trade Center que se encontra ao lado do memorial e se destaca na paisagem de Manhattan, como pode ser visto na figura 25.

O primeiro contato do visitante com o memorial é a praça, que de certa forma se tornam um vazio se contrastando com os gabaritos dos edifícios ao redor, dando a sensação de ausência. Ao redor das piscinas a praça serve de respiro para a cidade além de ser um espaço de convívio e reflexão. As árvores que a compõe contribuem com o microclima do local, sombreando a praça no verão e quando as folhas caem permitem a incidência dos raios solares, possibilitando que o usuário contemple o projeto confortavelmente o ano todo. Na praça está implantada a Árvore Sobrevivente, um símbolo de esperança e resiliência, já que a mesma foi encontrada sob os escombros extremamente danificada.

### 2.2.3 Configuração Funcional

O projeto se distribui entre o memorial, no térreo, e o museu, no subsolo. Sendo o primeiro (figura 26) composto por duas piscinas quadradas de 59 metros de largura e aproximadamente 7 metros de profundidade e uma grande praça de contemplação e convívio, como foi dito anteriormente.

Figura 26 - Planta Baixa Térreo



Fonte: Archdaily, 2012. Modificado pela autora, 2019.

Segundo Rosenfield (2012) as piscinas (figura 27) são enormes cascatas e ocupam o vazio do lugar exato da implantação das torres gêmeas, sendo revestidas por granito Jet Mist e delimitadas por bordas compostas de painéis de bronze, nas quais estão gravados os nomes das vítimas de acordo com cada torre, sendo que eles são iluminados durante a noite. Ainda de acordo com Rosenfield (2012), cascatas de água que surgem da borda das piscinas em direção ao poço, produzem um barulho significativo capaz de calar os ruídos oriundos da cidade.

Figura 27 - Piscina que ocupa o vazio da Torre Norte



Fonte: The Chautauquan Daily, 2018; Archdaily, 2012, respectivamente. Modificado pela autora, 2019.

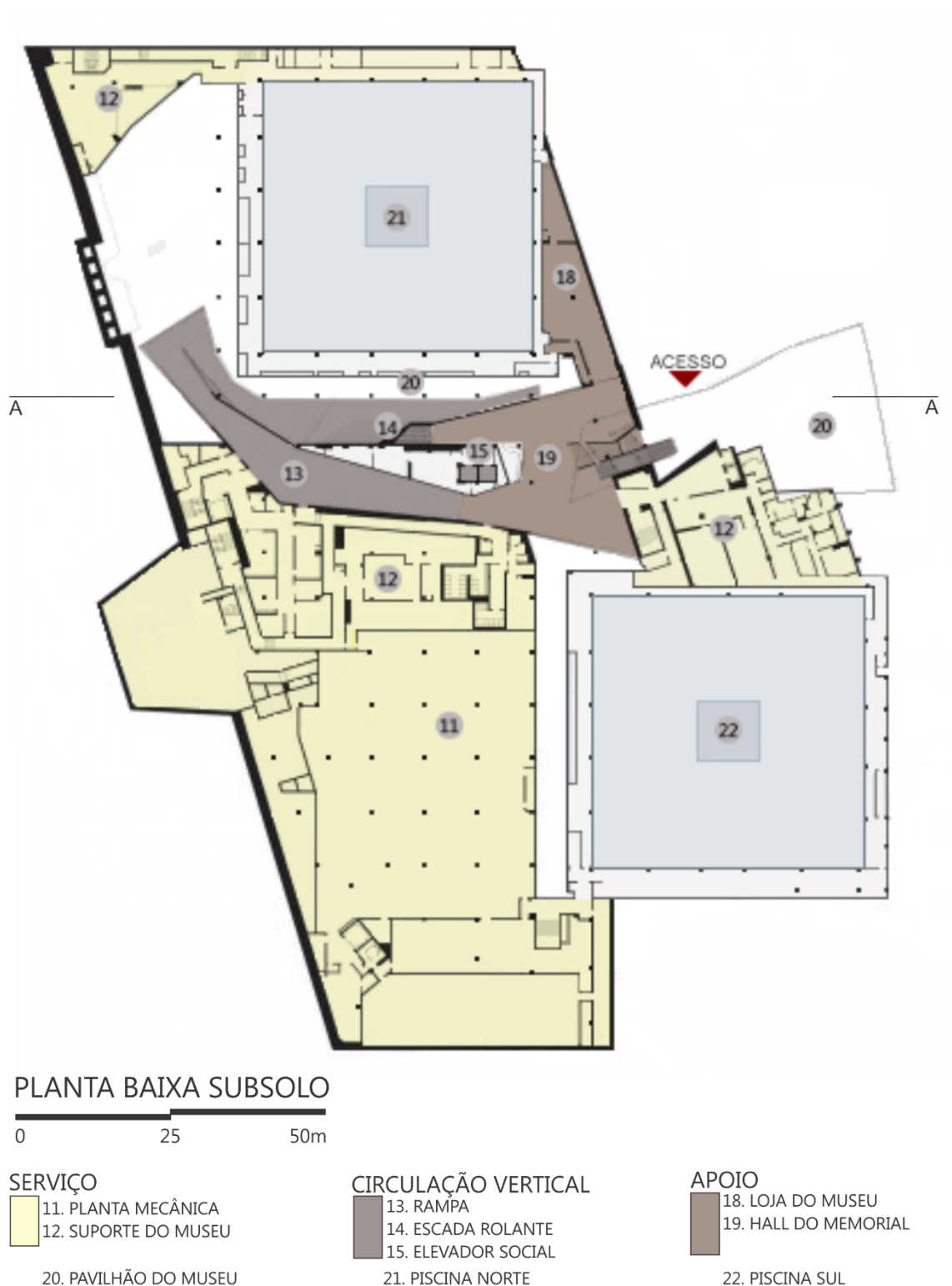
O acesso ao museu localizado no subsolo se dá por meio de um pavilhão de vidro (figura 28) que possibilita a permeabilidade visual, tanto do usuário que está dentro do edifício, quanto fora. Nesse espaço encontra-se o Tridente das Torres Gêmeas, um elemento de sustentação da antiga fachada, que agora simboliza as duas torres. O hall do memorial no subsolo 1 (figura 29) é o espaço que guia o usuário para a loja do museu e para as exposições que acontece inicialmente na rampa suavemente inclinada. No mesmo nível, acontece o setor de serviço que dá suporte ao museu.

Figura 28 - Pavilhão de acesso ao museu



Fonte: Inhabitat, 2014. Modificado pela autora, 2019.

Figura 29 - Planta Baixa Subsolo 1

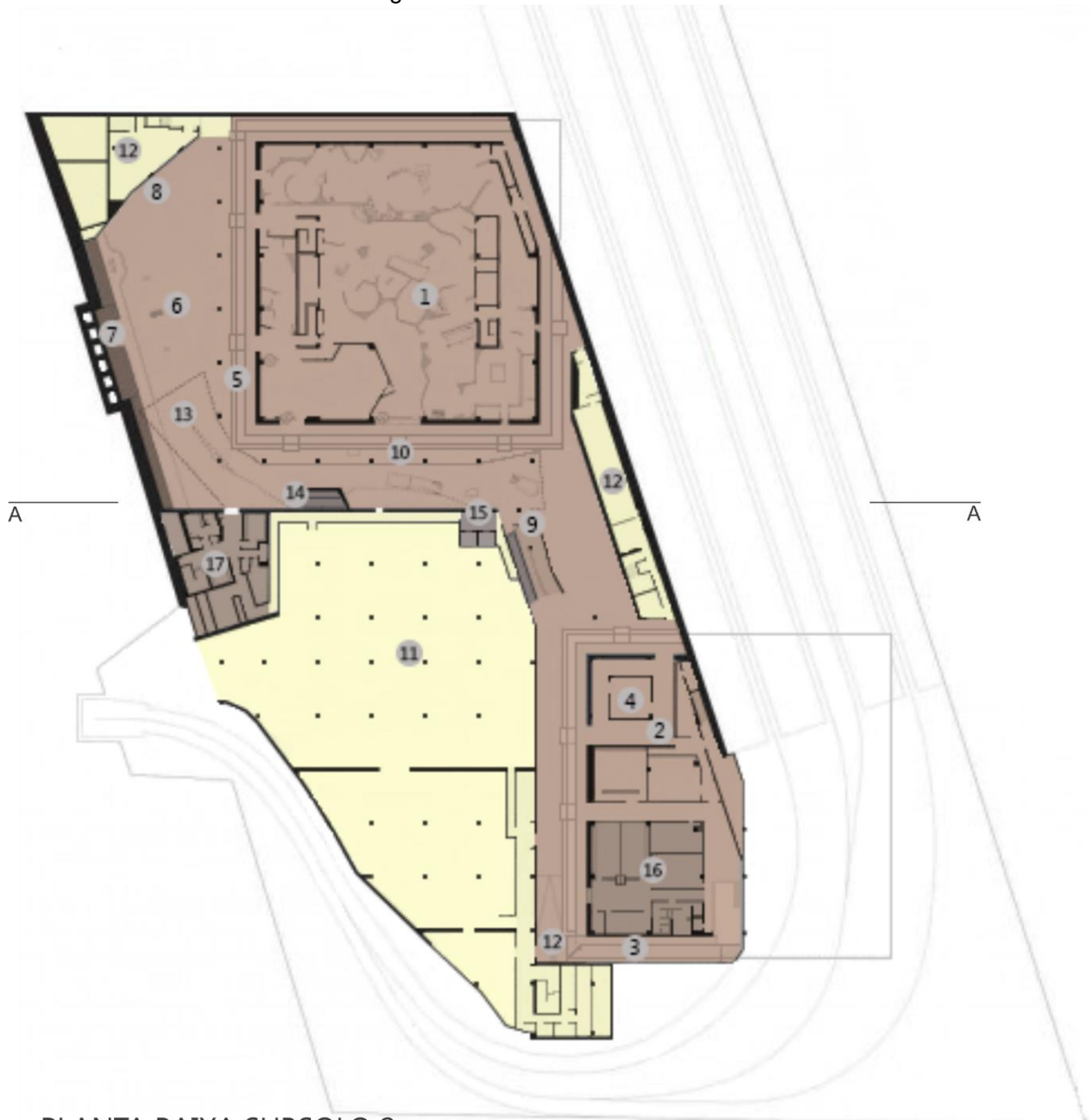


Fonte: Inhabitat, 2014. Modificado pela autora, 2019.

Já o subsolo 2 (figura 30) é composto pelas principais exposições, como a exposição histórica que se localiza sob a piscina norte e conta a história antes,

durante e depois dos ataques, por meio de artefatos, depoimentos, áudios e vídeos. De acordo com o site do memorial, sob a piscina sul a exposição memorial apresenta as fotos de 2.983 vítimas do atentado.

Figura 30 - Planta Baixa Subsolo 2



PLANTA BAIXA SUBSOLO 2

0 25 50m

PUBLICO/EXPOSIÇÃO

- 1. EXIBIÇÃO HISTÓRICA
- 2. EXPOSIÇÃO MEMORIAL
- 3. TESTEMUNHO DO GROUND ZERO
- 4. REFLETINDO 9/11
- 5. EXPOSIÇÃO COLUNAS FUNDAÇÃO
- 6. ÚLTIMA COLUNA
- 7. PAREDE DIAFRAGMA

- 8. TIMESCAPE
- 9. ESCADA DOS SOBREVIVENTES
- 10. AÇO DO IMPACTO

SERVIÇO

- 11. PLANTA MECÂNICA
- 12. SUPORTE DO MUSEU

CIRCULAÇÃO VERTICAL

- 13. RAMPA
- 14. ESCADA ROLANTE
- 15. ELEVADOR SOCIAL

APOIO

- 16. CENTRO DE EDUCAÇÃO
- 17. I.S

Fonte: Inhabitat, 2014. Modificado pela autora, 2019

A figura 31 apresenta as exposições de maior valor sentimental, já que essas guardam a memória das vítimas ao apresentar a biografia de cada um juntamente com sua foto, e contam o que aconteceu no dia do ataque.

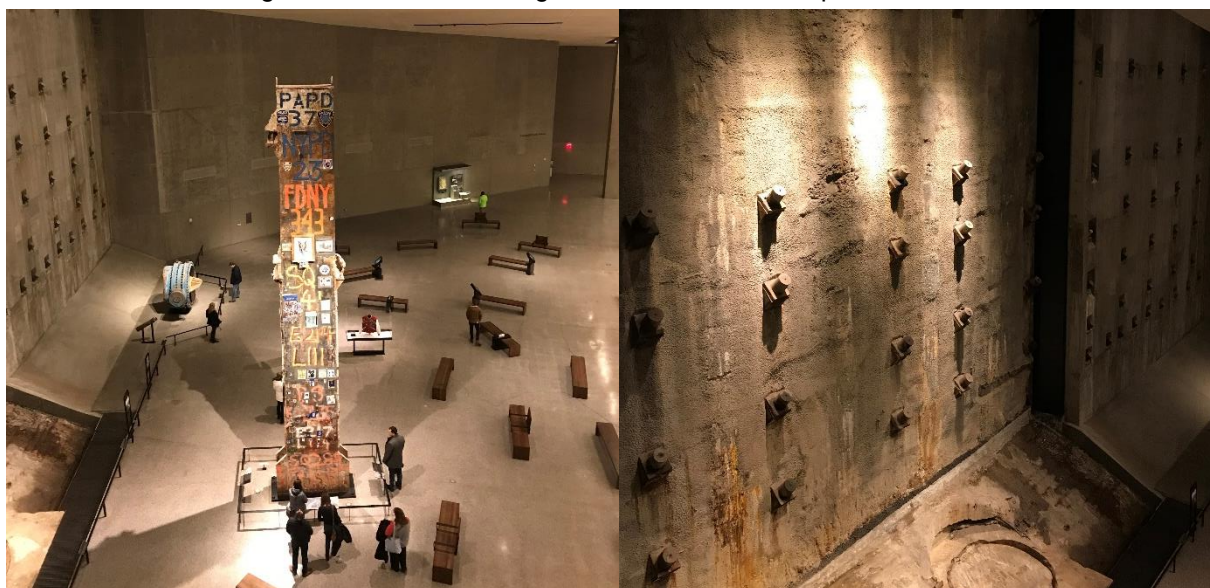
Figura 31 - Exposição Memorial; Exposição Histórica, respectivamente.



Fonte: 9/11 Memorial & Museum, [2018?]. Modificado pela autora, 2019.

De acordo com o site Vitruvius (2010) a parede diafragma de aproximadamente 19 metros de altura, construída na escavação do projeto original, resistiu ao ataque e é preservada como uma forma de memória da resistência aos eventos. A figura 32 evidencia a dimensão da parede diafragma, e apresenta a exposição da Última Coluna, que recebe esse nome devido ser a última estrutura retirada dos escombros.

Figura 32 - Parede diafragma; Última Coluna, respectivamente.



Fonte: Autora, 2017.

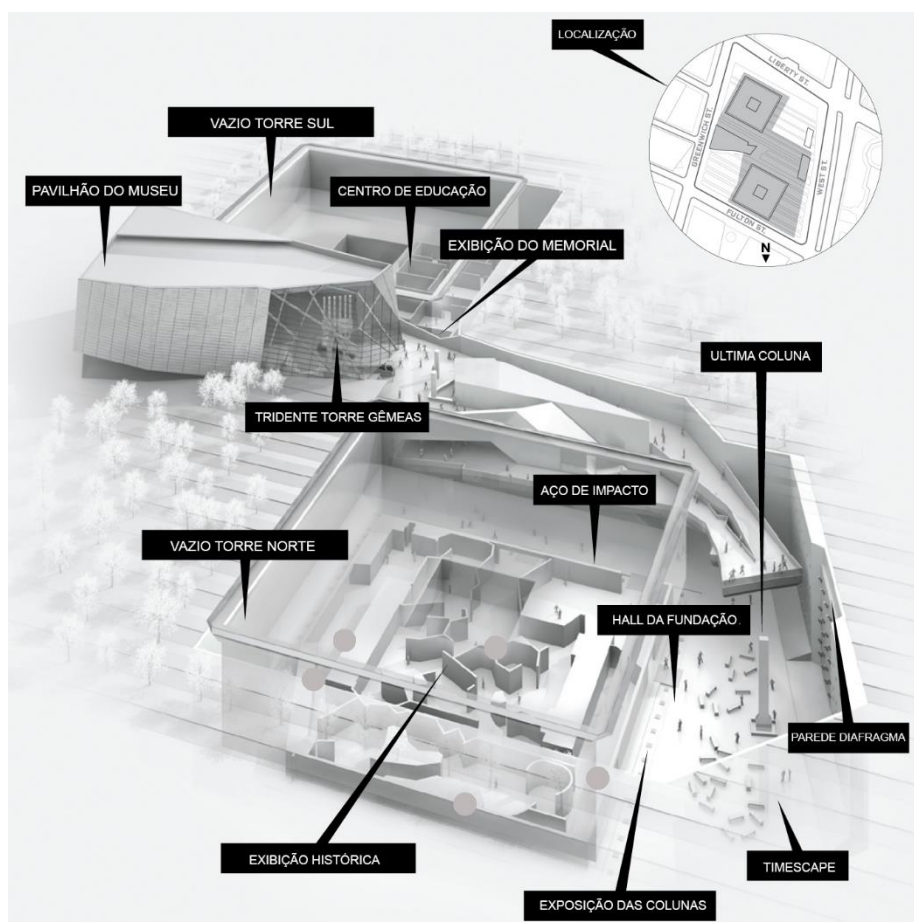
Figura 33 - Escada dos Sobreviventes; Exposição da Fundação, respectivamente.



Fonte: Autora, 2017.

Outra exposição importante é a Escada dos Sobreviventes (figura 33) que foi utilizada como forma de fuga durante o ataque. Ao redor do vazio das torres, estão mantidas e evidenciadas as fundações do projeto original, que provam o quanto o edifício era monumental. A figura 34 apresenta um diagrama com os espaços de maior relevância no memorial.

Figura 34 - Diagrama dos espaços no subsolo

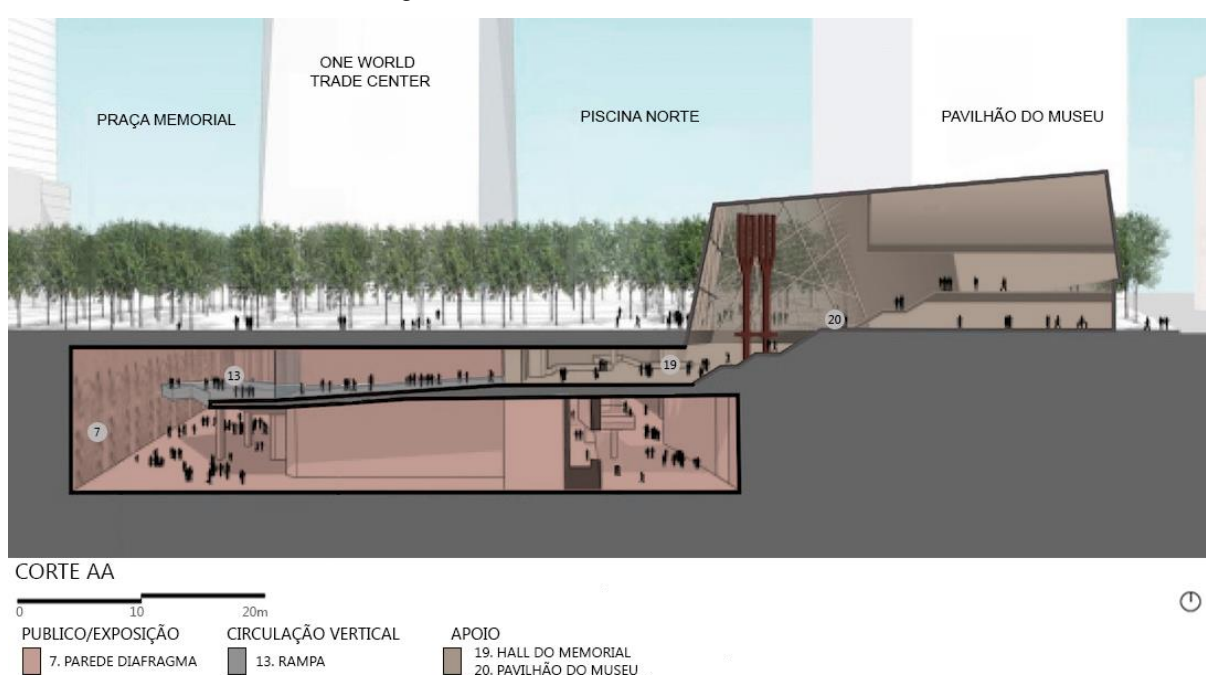


Fonte: Wired, 2014. Modificado pela autora, 2019.

## 2.2.4 Configuração Formal

O pavilhão da entrada do museu proporciona conexão visual entre o interior e exterior, permite a iluminação natural por meio da transparência do vidro, se contrapondo com a obscuridade do subsolo. Essa transparência valoriza os dois tridentes instalados no interior permitindo a visualização do mesmo exteriormente. O projeto se configura de forma horizontal e geométrica, com a disposição de superfícies inclinadas reflexivas que refletem o entorno.

Figura 35 - Corte do museu e memorial.



Fonte: Vitruvius, 2010. Modificado pela autora, 2019.

O projeto ocupa o enorme vazio deixado na destruição do complexo World Trade Center após o colapso, como pode ser visto na figura 35.

## 2.2.5 Configuração tecnológica

Segundo o site do memorial<sup>18</sup>, a praça que cerca as piscinas com mais de 400 árvores, está entre as praças mais ecológicas do mundo, com um sistema de pavimentação suspensa que permite a circulação de pedestres e não prejudica as raízes das árvores. Uma solução sustentável adotada pelo memorial é a economia de energia por meio do vidro do pavilhão, aproveitando a iluminação natural.

<sup>18</sup> Disponível em <https://www.911memorial.org/plaza-details-0>.



O sistema construtivo utilizado no subsolo é o concreto armado, que já fazia parte da construção do antigo edifício e que não contrasta com as exposições do museu. Um exemplo disso é a parede diafragma que consistia na fundação do prédio e que hoje ainda se mantém com sua principal função, porém se tornou exposição como registro da resistência e impacta por sua grandeza. Além do concreto do subsolo, outro material importante é o vidro que compõe o pavilhão localizado no térreo, são de placas de vidro com estrutura metálica.

### 2.3 Soluções projetuais

Após a análise das obras, compreendem-se algumas soluções projetuais para serem empregadas no anteprojeto a ser desenvolvido.

Figura 36 - Soluções projetuais.



Fonte: Archdaily, 2016; Vitruvius, 2014, respectivamente. Modificado pela autora, 2019.

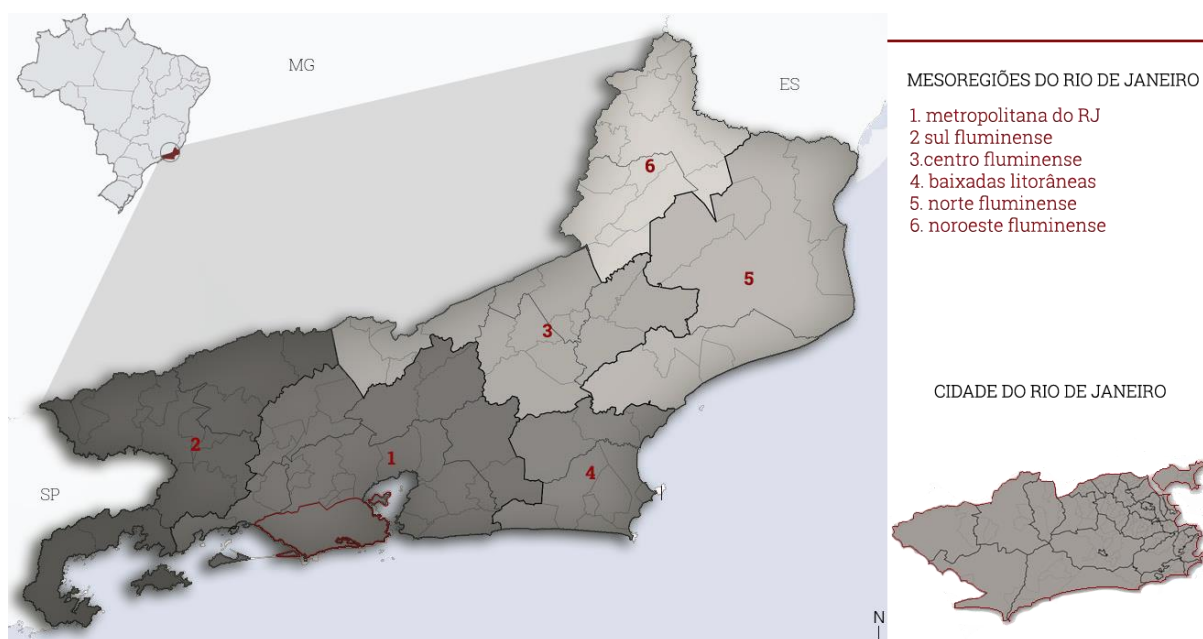
Como analisado na figura 36, as soluções a serem adotadas são o uso da tecnologia na apresentação das exposições, os setores bem definidos distribuindo assim os fluxos de forma a aproveitar melhor os espaços, assim como gentileza urbana por meio do respeito ao gabarito do entorno, criando espaços de convívio e contemplação.

CONTEXTUALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO Serão apresentados abaixo, os diversos fatores que levaram a escolha da cidade para a implantação do projeto.

## 2.4 O estado do Rio de Janeiro

O estado do Rio está localizado na região Sudeste do Brasil, sendo sua capital a cidade do Rio de Janeiro, atualmente conta com 92 municípios. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o estado com a população estimada de 17.159.960 habitantes para o ano de 2018, conta com 43.750,423 km<sup>2</sup> de território, sendo em média 365,23 habitantes por km<sup>2</sup>.

Figura 37 – Estado do Rio de Janeiro e suas mesorregiões.



Fonte: Internet Geography [?]. Modificado pela autora, 2019.

A figura 37 apresenta as mesorregiões do estado, a localização da cidade do Rio de Janeiro e a localização do estado no mapa do Brasil. Conforme os dados retirados do site Data Rio, a cidade do Rio de Janeiro conta com a população estimada de 6.688.927 habitantes para o ano de 2018, seu território possui 1.204 km<sup>2</sup>, sendo 5.556 habitantes por km<sup>2</sup>.

## 2.5 Os locais de tortura no Rio de Janeiro

Conforme o relatório da Comissão Estadual da Verdade do Rio de Janeiro, a cidade foi palco de grandes acontecimentos políticos, já que foi a capital do Brasil até 1960, antes da mudança para Brasília. A partir de análises sobre a quantidade de denúncias de tortura pelo Brasil, com dados disponibilizados no relatório BNM, formulou-se um gráfico (figura 38), que apresenta a quantidade de denúncias por estado. Pode-se perceber a partir da análise da figura, que o Rio de Janeiro é o estado com maior índice de denúncias de tortura no período da Ditadura Militar, sendo 1694 no total. São Paulo fica em segundo lugar com 1370 denúncias, e 1037 do total não consta localização exata em seu registro.

Figura 38 – Gráfico do número de denúncias de tortura por estado.

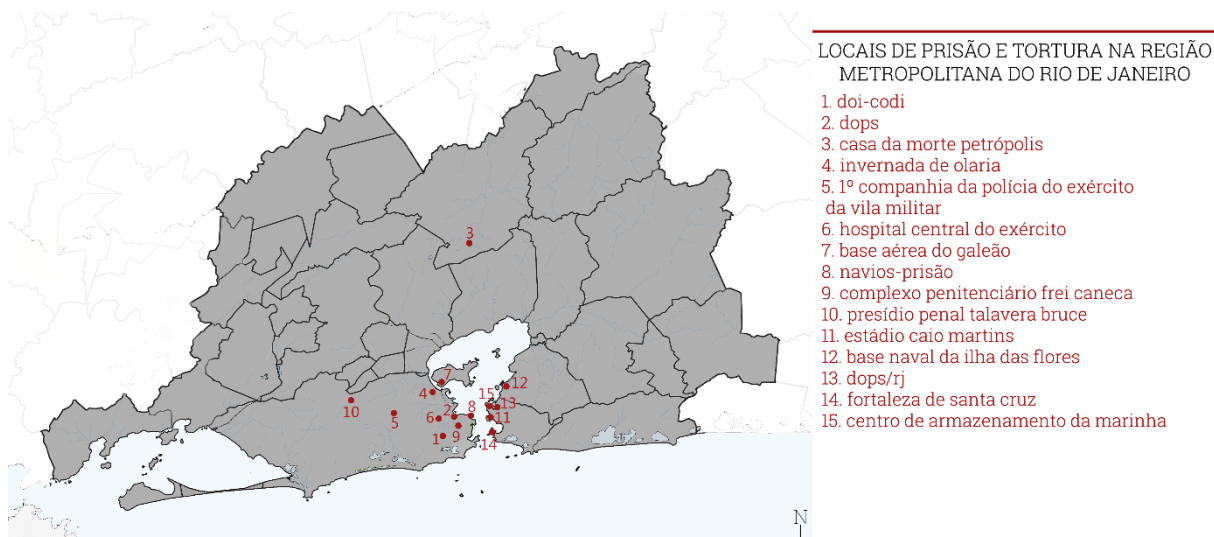


Fonte: Elaborado pela autora perante os dados disponíveis no Relatório BNM.

Conforme o gráfico (figura 38), os estados de Alagoas, Acre, Amapá, Mato Grosso do Sul, Piauí, Roraima, Rondônia e Sergipe não relataram denúncias. Na figura 39 estão localizados os principais locais de tortura na região metropolitana da cidade do Rio. Observa-se que os locais estão concentrados ao redor da baía de Guanabara. Esses lugares foram meios de repressão e resistência, onde

prisioneiros eram torturados e muitas vezes mortos. Entre os principais órgãos de tortura se destacavam delegacias, presídios, instituições militares e policiais.

Figura 39 – Mapa dos locais de prisão e tortura.



Fonte: Internet Geography [?]. Modificado pela autora, 2019.

Sucessivamente às análises do mapa que relatam que o estado do Rio não possui memorial ou museu para falar sobre a Ditadura Militar (mapa 1), ao mapa que denota que o estado é o segundo com maior número de locais de tortura (mapa 2), e por fim o gráfico (figura 41) que aponta que o Rio engloba o maior número de denúncias de tortura da ditadura, constata-se a pertinência de um memorial para tratar da história e da memória do regime militar.

## 2.6 O terreno

O terreno está localizado no Parque do Aterro do Flamengo (figura 40), zona sul da cidade do Rio de Janeiro, o qual foi idealizado pela arquiteta Lotta de Macedo Soares, sendo inaugurado em 1965. Segundo o site do parque, o material utilizado para a construção do aterro foi a terra do desmonte do Morro de Santo Antônio. O projeto urbanístico e arquitetônico ficou por conta de Affonso Eduardo Reidy e o paisagismo foi realizado pelo Escritório Roberto Burle Marx e Arquitetos Associados. Conforme Oliveira (2006), o parque auxiliou no fluxo de veículos, criando uma melhor conexão entre a zona sul, centro e zona norte da cidade, e foi uma forma de combater a especulação imobiliária na época.

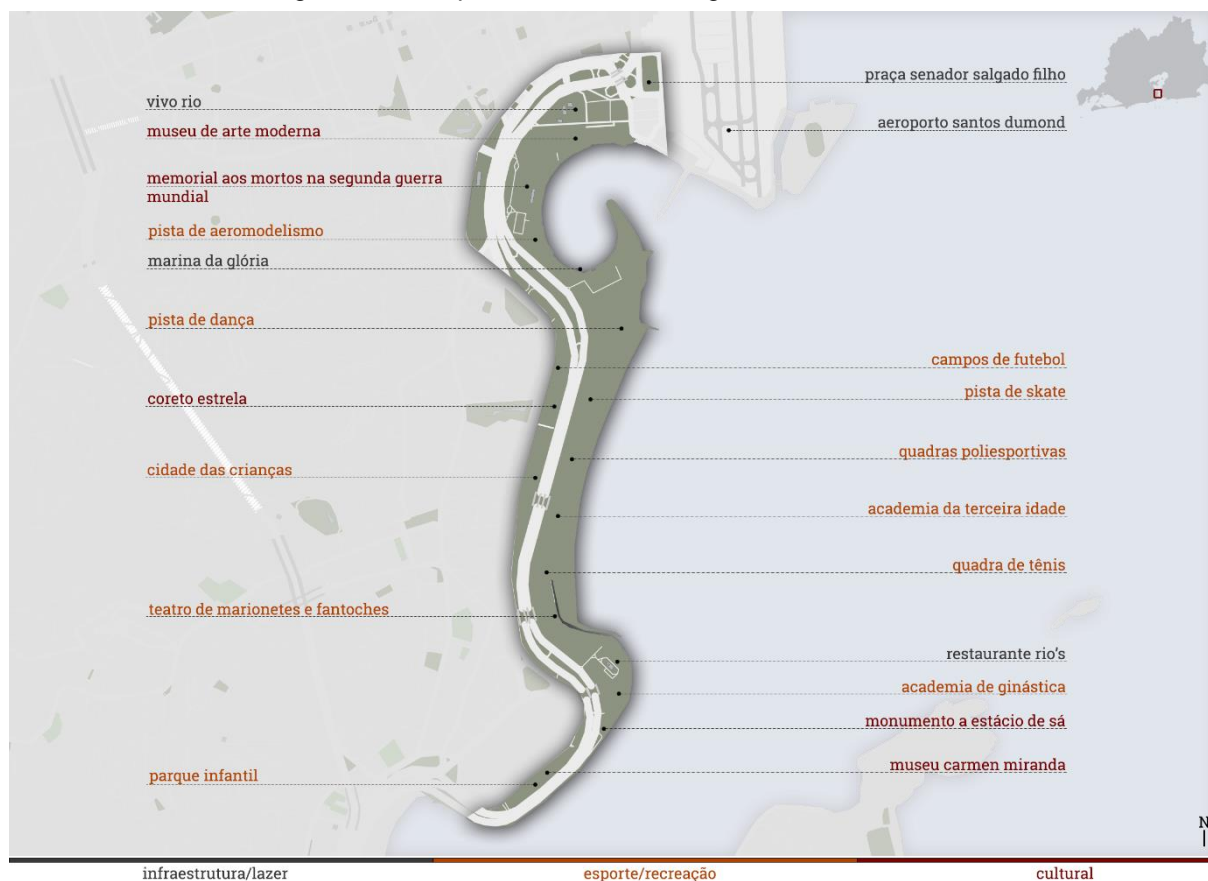
Figura 40 - Parque Aterro do Flamengo.



Fonte: Vitruvius, 2011; Cashcar, 2016, respectivamente. Modificado pela autora, 2019.

A extensão do parque é de 1.251.244,20m<sup>2</sup>, sendo o maior parque urbano do mundo à beira mar e a maior área de lazer ao ar livre do Rio de Janeiro, segundo o site do parque.

Figura 41 - Parque Aterro do Flamengo e sua estrutura.



Fonte: Mapbox, 2019. Modificado pela autora, 2019.

A figura 41 apresenta as áreas mais importantes do parque, como o Museu de Arte Moderna do Rio (MAM), Museu Carmen Miranda, Memorial aos Mortos na Segunda Guerra Mundial e áreas de lazer, como quadras poliesportivas, campos de

futebol, pista de skate, e a marina da Glória. A figura 42 mostra a localização do terreno em relação ao aterro.

Figura 42 - Localização do terreno no Parque.



Fonte: Mapbox,2019. Modificado pela autora, 2019.

A figura 43 expõe vistas aéreas do Aterro do Flamengo, seu entorno imediato e a localização do terreno.

Figura 43 - Vista aérea do Aterro.



Fonte: Archdaily, 2018; Dois Megapixel, 2010, respectivamente. Modificado pela autora, 2019.



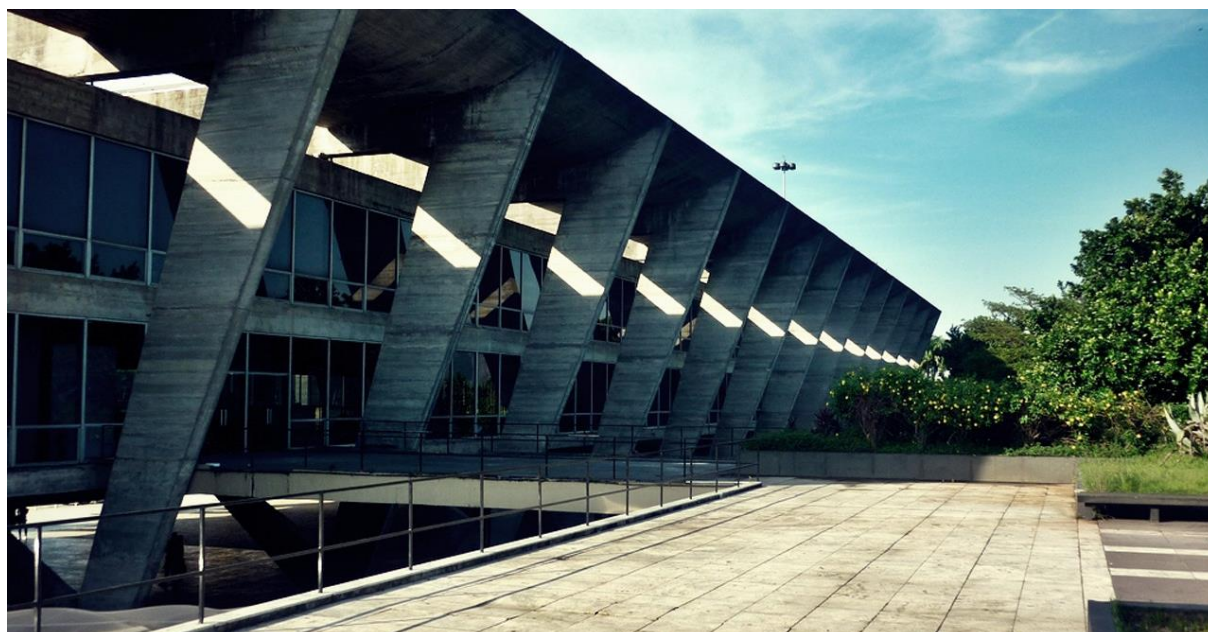
Figura 45 – Vista aérea o terreno e do parque.



Fonte: Parque do Flamengo, [?]. Modificado pela autora, 2019.

O entorno imediato pode ser visto na figura 45 que exhibe a vista aérea do aterro. A edificação existente no terreno será removida por não haver valor arquitetônico, cultural e histórico que justifique sua permanência no local, podendo ser transferida para um terreno próximo. A figura 46 apresenta a fachada do Museu de Arte Moderna do Rio.

Figura 46 – Museu de Arte Moderna do Rio.

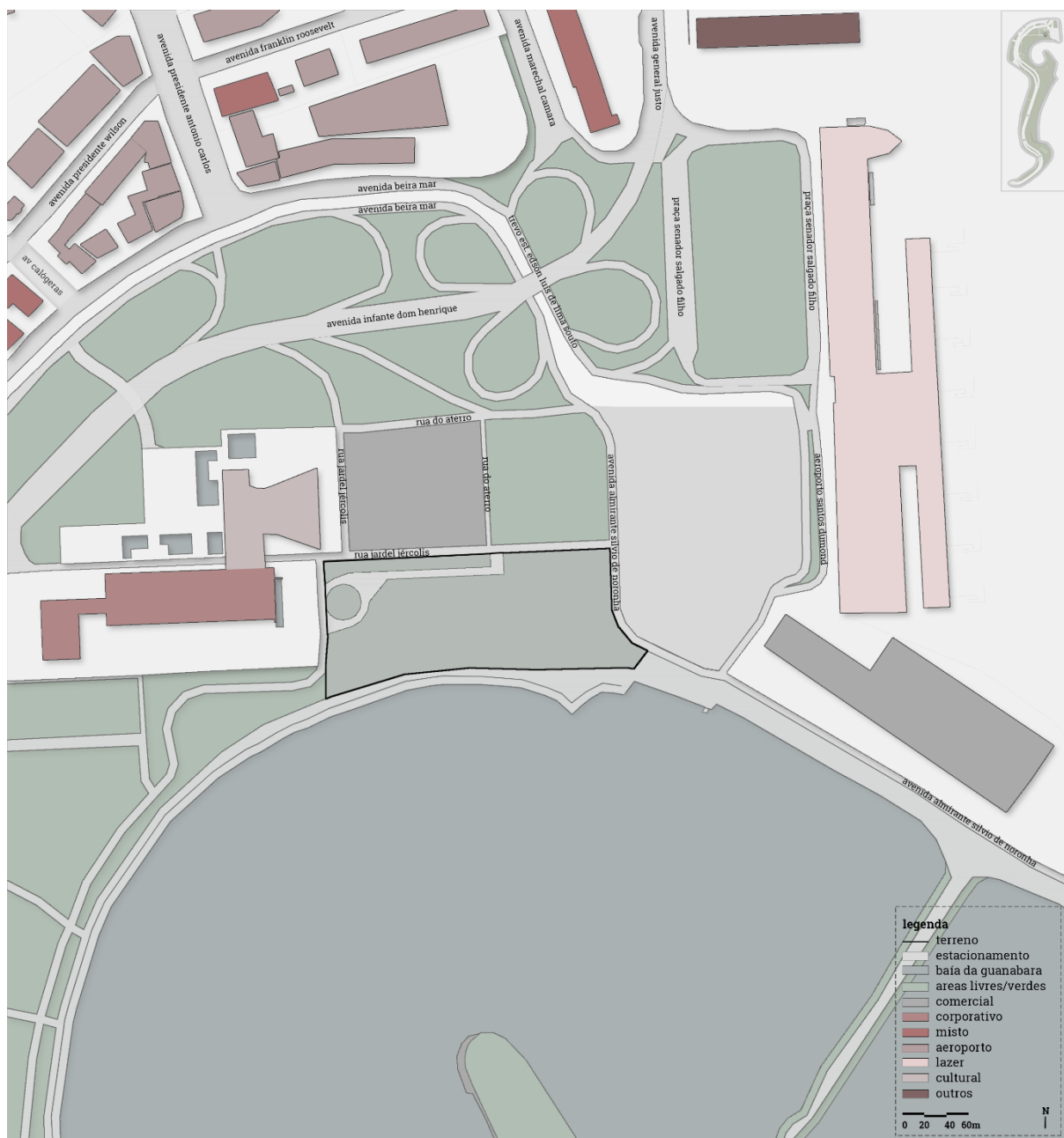


Fonte: Archdaily, 2018. Modificado pela autora, 2019.



A partir da análise do uso e ocupação de solo exposta na figura 47, compreende-se que o uso misto é predominante nas edificações do entorno, sendo comércio na parte térrea e unidades unifamiliares nos pavimentos superiores.

Figura 47 – Análise do entorno imediato.

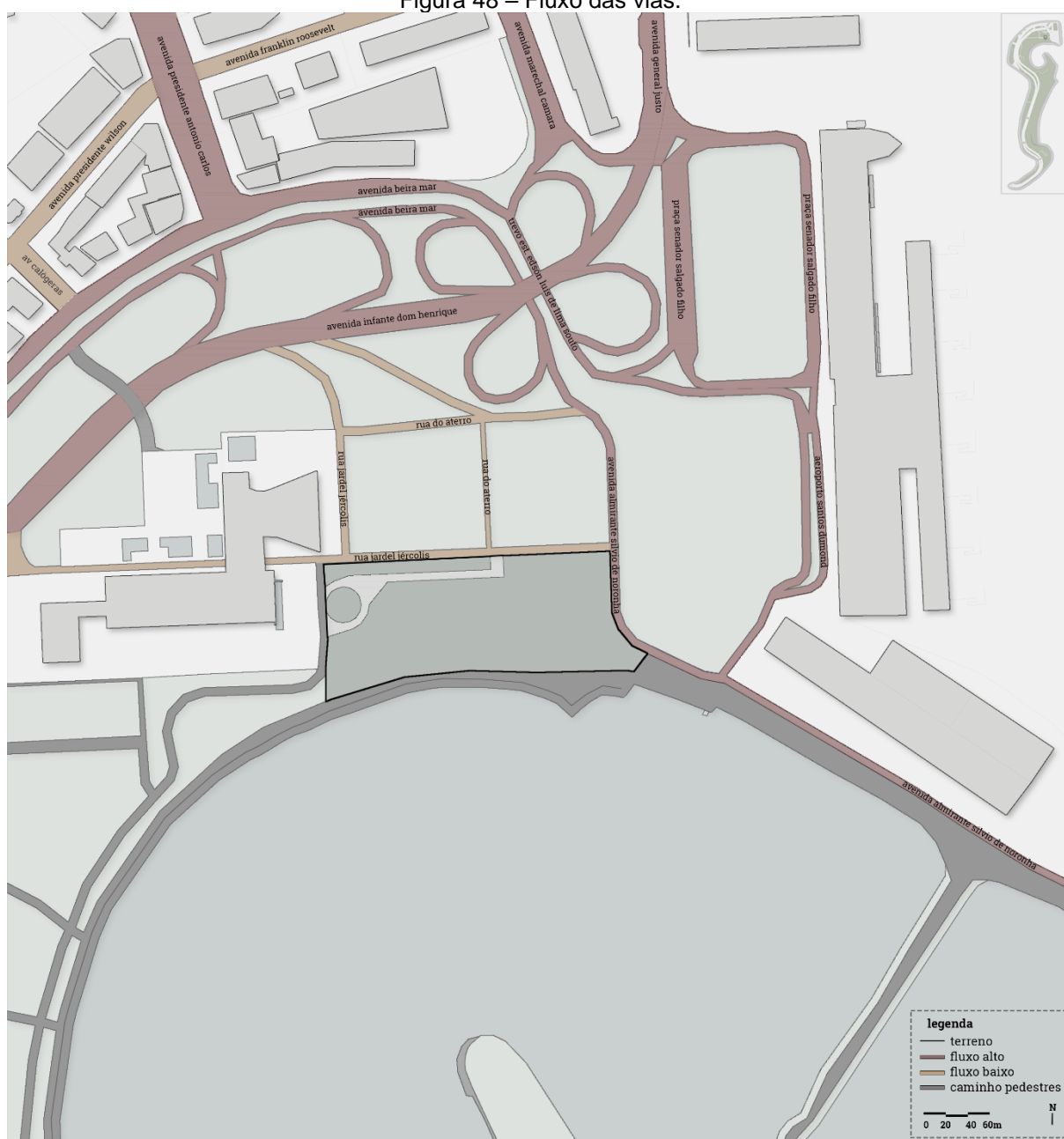


Fonte: Autora, 2019.

No entanto, no aterro é possível observar que a maior área é ocupada por espaços de lazer, culturais e esportivos, como exibido anteriormente na figura 41. Logo abaixo, a figura 48 apresenta a análise do fluxo das vias do entorno imediato.

As vias ao redor do terreno são de médio e alto fluxo. Isso acontece pelo fato de estar ao lado do estacionamento do aeroporto e do comércio de aluguel de carros. Apesar de a rua Jardel Jércolis ser dentro do aterro, é bastante movimentada e conta com a presença de carros estacionados em qualquer espaço vago, até mesmo na calçada, conforme análise por meio do Google Maps. A Avenida Almirante Silvio de Noronha faz ligação do viaduto com o estacionamento do aeroporto e o centro de comércio. A face sul e oeste do terreno possuem o caminho de pedestres do aterro como contorno, e por isso são as faces mais calmas em relação ao trânsito e ao ruído.

Figura 48 – Fluxo das vias.



Fonte: Autora, 2019.



Figura 50 – Caminhos até o terreno.



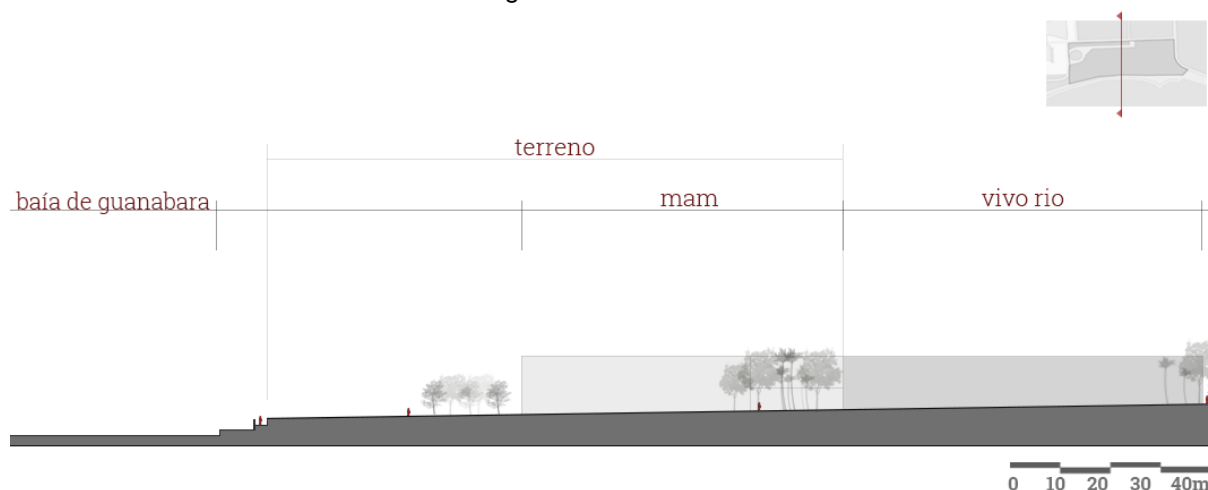
Fonte: Autora, 2019.

A figura 50 apresenta os caminhos dos principais equipamentos do entorno imediato até o terreno. Esses percursos podem ser percorridos a pé ou com bicicleta. Os equipamentos estão próximos ao terreno, portanto o trajeto é curto, durando aproximadamente cinco minutos tanto do aeroporto como do centro comercial, e dois minutos do Museu ao terreno.





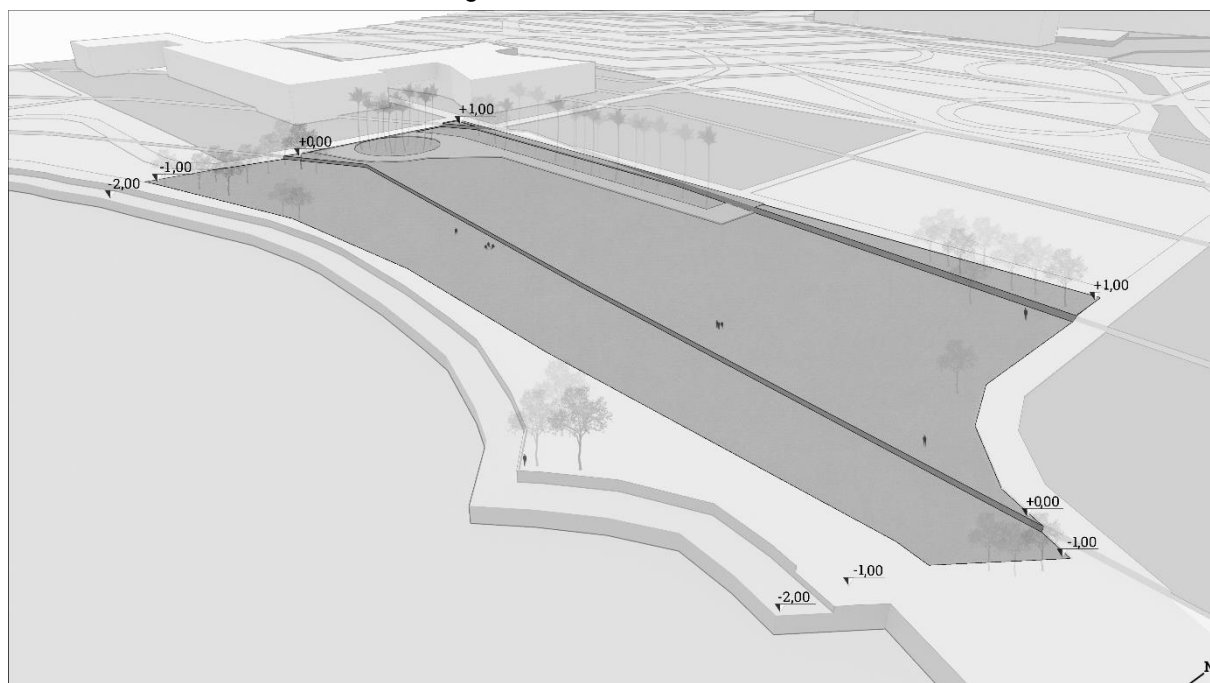
Figura 53 - Corte do terreno.



Fonte: Autora, 2019.

Nota-se o suave desnível do terreno a partir da figura 53, que apresenta o corte e o gabarito do entorno imediato. A seguir, a figura 54 expõe a volumetria do terreno com as curvas de nível e as imediações do aterro.

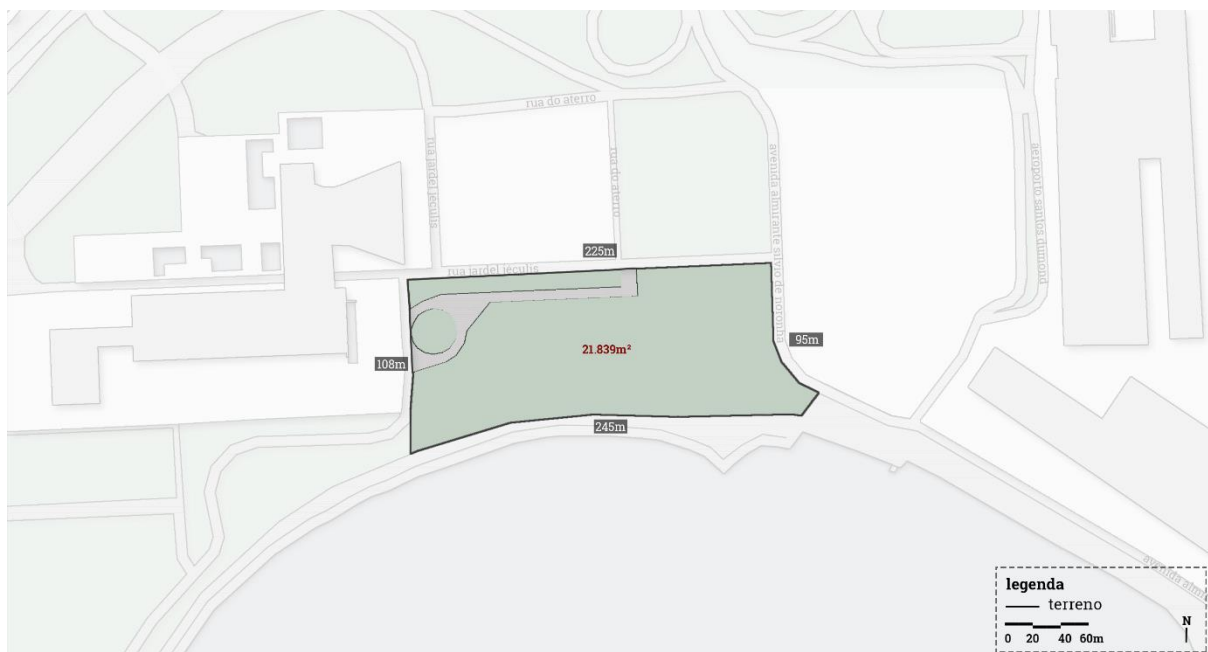
Figura 54 - Medidas do terreno.



Fonte: Autora, 2019.

Um ponto positivo a se destacar é o terreno estar ao lado do MAM, espaço cultural que pode atrair visitantes para o projeto.

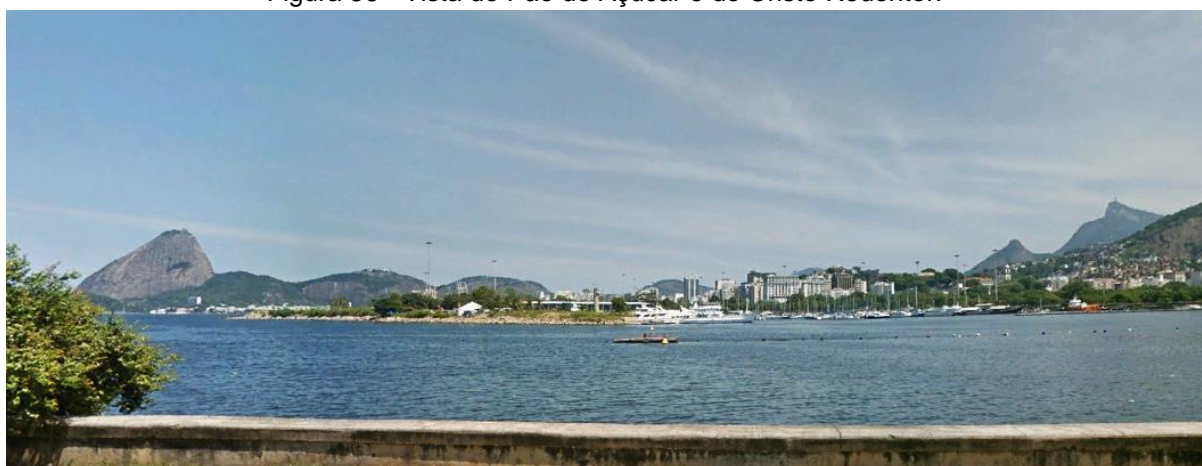
Figura 55 - Medidas do terreno.



Fonte: Autora, 2019.

A localização do terreno é privilegiada, contando com o Pão de Açúcar e o Cristo Redentor como plano de fundo (figura 56), um potencial visual que pode ser explorado ao desenvolver do projeto.

Figura 56 - Vista do Pão de Açúcar e do Cristo Redentor.



Fonte: Google Earth, 2019. Modificado pela autora, 2019.

A figura 57 exibe as principais vistas do terreno e seu entorno imediato, como o Museu de Arte Moderna, o estacionamento do Aeroporto Santos Dumont e suas intermediações



Figura 57 - Vista do Pão de Açúcar e do Cristo Redentor.



Fonte: Matheus Haddad Nudi, 2019. Modificado pela autora, 2019.

### 3 PROJETO ARQUITETÔNICO

Nesta etapa, serão desenvolvidos estudos de programa de necessidades, partido arquitetônico, setorização e plano massa, resultando em uma proposta de anteprojeto baseada em todos os estudos anteriores.

#### 3.1 Programa de necessidades

Para o desenvolvimento do programa de necessidades, analisou-se o programa de duas obras correlatas já mencionadas, sendo elas o Memorial aos Judeus Mortos na Europa em Berlim e o Memorial e Museu Nacional 11 de Setembro em New York. A figura 58 apresenta uma tabela comparativa entre os programas analisados e o programa resultante para o futuro anteprojeto.

Figura 59 - Tabela comparativa entre os programas analisados

	AMBIENTE	MEMORIAL AOS JUDEUS MORTOS NA EUROPA - BERLIN	MEMORIAL E MUSEU NACIONAL 11 DE SETEMBRO - NEW YORK	MEMORIAL AOS MORTOS E DESAPARECIDOS DA DITADURA MILITAR NO BRASIL - RJ
serviço	sala técnica	x		
	vestiário	x		x
	i.s funcionários	x		
	reserva técnica	x		x
	sala funcionários	x		x
	área de serviço	x		x
	enfermaria	x		
	depósito	x		x
	lixo	x		x
apoio	suporte do museu		x	
	átrio	x		
	recepção	x		x
	i.s	x	x	x
	hall do memorial		x	
	loja do museu		x	x
adm	centro de educação		x	
	administração	x		x
	central de segurança	x		
exposição	almoxarifado	x		
	Sala de reunião			x
	salas de exposição temporária	x	x	
	sala de exposição permanente	x	x	x
	foyer	x		x
	portal de informações	x		
	sala de vídeos	x		

Fonte: Autora, 2019.

O programa de necessidades mínimas decorrente das análises pode ser observado na figura 60.

Figura 60 - Tabela de programa de necessidades.

	AMBIENTE	RUÍDO	USUÁRIOS	MOBILIÁRIO	M <sup>2</sup>	QUANTIDADE	TOTAL
serviço	i.s funcionários	1	5	pias, sanitários	20	2	
	reserva técnica	1	3	equipamentos	40	1	
	sala funcionários	1	10	mesa, cadeiras, micro-ondas, geladeira, pia e armário	20	1	
	área de serviço	1	3	pia, tanque e armário	10	1	
	depósito	1	5	prateleiras	40	1	
	lixo	1	-	lixeira	5	1	
	casa de máquinas	2	-	máquinas de ar condicionado	10	1	165m <sup>2</sup>
apoio	recepção	3	-	balcão, cadeiras	40	1	
	guarda volumes	-	40	armários	10	1	
	i.s	1	4	pias e sanitários	40	2	
	loja do museu	1	-	balcão	40	1	
	café	3	20	mesas, cadeiras, balcão, geladeira, fogão.	100	1	270m <sup>2</sup>
adm	administração	1	3	mesa, cadeiras, armário e computador	10	1	
	sala de reunião	1	10	mesa e cadeiras	15	1	25m <sup>2</sup>
exposição	foyer	3	-	bancos	250	1	
	salas de exposição	1	-	-	100	10	
							1.250m <sup>2</sup>
							1.710m <sup>2</sup>
							1.710m <sup>2</sup> + 20%= 2.052m <sup>2</sup>

Fonte: Autora, 2019.

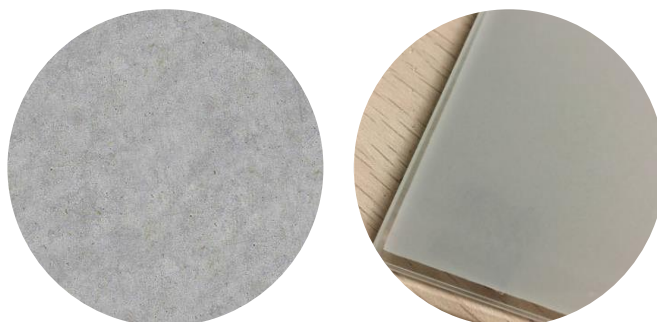
A área mínima proveniente dos estudos totaliza-se em 2052m<sup>2</sup> já com 20% de circulação.

### 3.2 Sistema construtivo

O sistema construtivo adotado é o concreto armado (figura 61), em razão a sua capacidade em vencer grandes vãos e por sua materialidade, já que em sua forma mais pura, septicidade do material e frieza, transmite a sensação de vazio.

Na fachada, o uso do vidro estrutural translúcido jateado com película climatizada para auxiliar no suporte das cargas da cobertura e contribuir com a eficiência energética do edifício, além de garantir um maior conforto aos usuários.

Figura 61 - Materiais predominantes no projeto.



Fonte: Textures.com, [?]; JimyGlassCO, [?], respectivamente. Modificado pela autora, 2019.

### 3.3 Partido arquitetônico

O partido arquitetônico baseia-se em guiar o usuário a um percurso que o fará passar pelo processo de luto e transição pela vida. O projeto se divide em três momentos, sendo o primeiro: existir, simbolizando as vítimas ainda em seu cotidiano antes do regime. O segundo momento: resistir, expressando o sofrimento dos presos políticos ao passar pela fase mais sombria da ditadura, torturas, repressão e censura.

. Figura 62 - Partido Arquitetônico.



Fonte: Autora, 2019.

Por fim, o terceiro momento: reexistir, contando sobre os momentos após o término do regime e com o auxílio da arquitetura, preservando a memória das vítimas. É possível observar melhor esses momentos na figura 62.

A partir da divisão do percurso em três momentos (figura 63), as salas de exposições permanentes são setorizadas de acordo com cada tema e período da história da ditadura. No primeiro momento, a sala Ser retrata a vida das vítimas anteriormente aos acontecimentos, porém nenhum rosto e identidade são revelados.

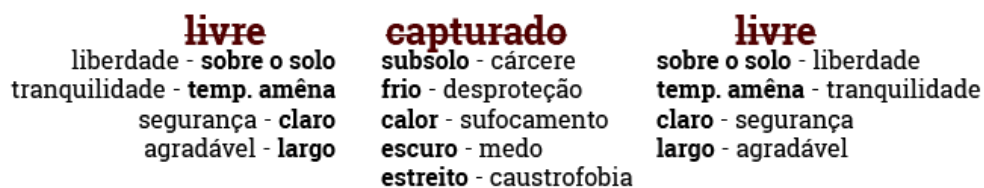
Figura 63 - Salas de exposição.



Fonte: Autora, 2019.

O segundo momento conta com cinco salas, sendo a primeira sala Controlar, expondo os Atos Institucionais que a população era obrigada a seguir. A sala Violar conta sobre as violações de direitos humanos e suas consequências. Logo após, a sala Castigar, subdividida em três partes, conta a história de presos políticos que passaram por momentos de repressão, censura, e violação dos direitos. A sala Reivindicar simboliza a luta contra a ditadura e é uma forma de resistência a todos os terríveis acontecimentos. A sala Mortificar é a fase mais sombria e sensorial do projeto, já que são relatados depoimentos de ditadores, vítimas da tortura e de seus familiares. O terceiro momento é subdividido em salas para esclarecer os acontecimentos, honrar as vítimas e manter a memória viva.

Figura 64 – Sensações por meio da arquitetura.



Fonte: Autora, 2019.

Ao passar por esses momentos o usuário terá realizado a transição do luto e da dor, podendo viver sua vida com mais serenidade. A figura 64 apresenta as sensações que os momentos transmitem ao usuário, subdividido em livre e capturado, que expressam sentimentos de liberdade e cárcere.

### 3.4 Setorização

A setorização (figura 65) foi realizada de modo que os setores de serviço, apoio e administrativo se comunicassem diretamente, distribuindo melhor o fluxo dos funcionários e usuários. O setor de exposição foi setorizado de acordo com a intenção projetual do partido, já apontado anteriormente.

Nessa etapa, o estacionamento existente no terreno foi retirado, para melhor aproveitamento do espaço e reduzir o fluxo de automóveis. Um ponto importante a ressaltar foi a criação da arquibancada, como forma de criar espaços de convívio e contemplação e remoção da barreira visual existente.

Figura 65 - Análise de setorização.

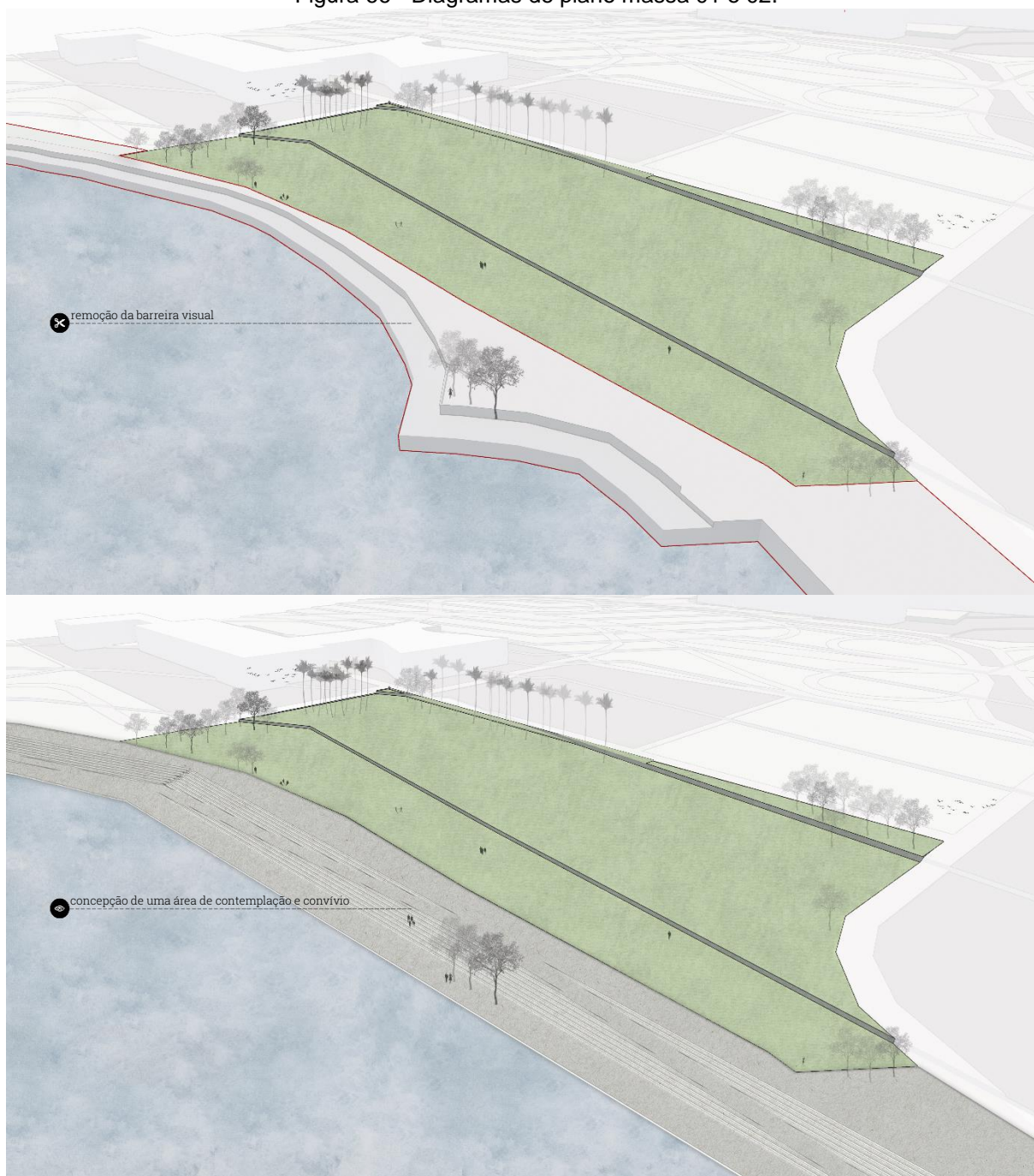


Fonte: Autora, 2019.

### 3.5 Plano massa

Após os estudos realizados no presente trabalho, o plano massa é resultante do partido arquitetônico, intenções projetuais e setorização. Primeiramente, é removida a barreira física existente no local e proposto um espaço de convívio e contemplação (figura 66).

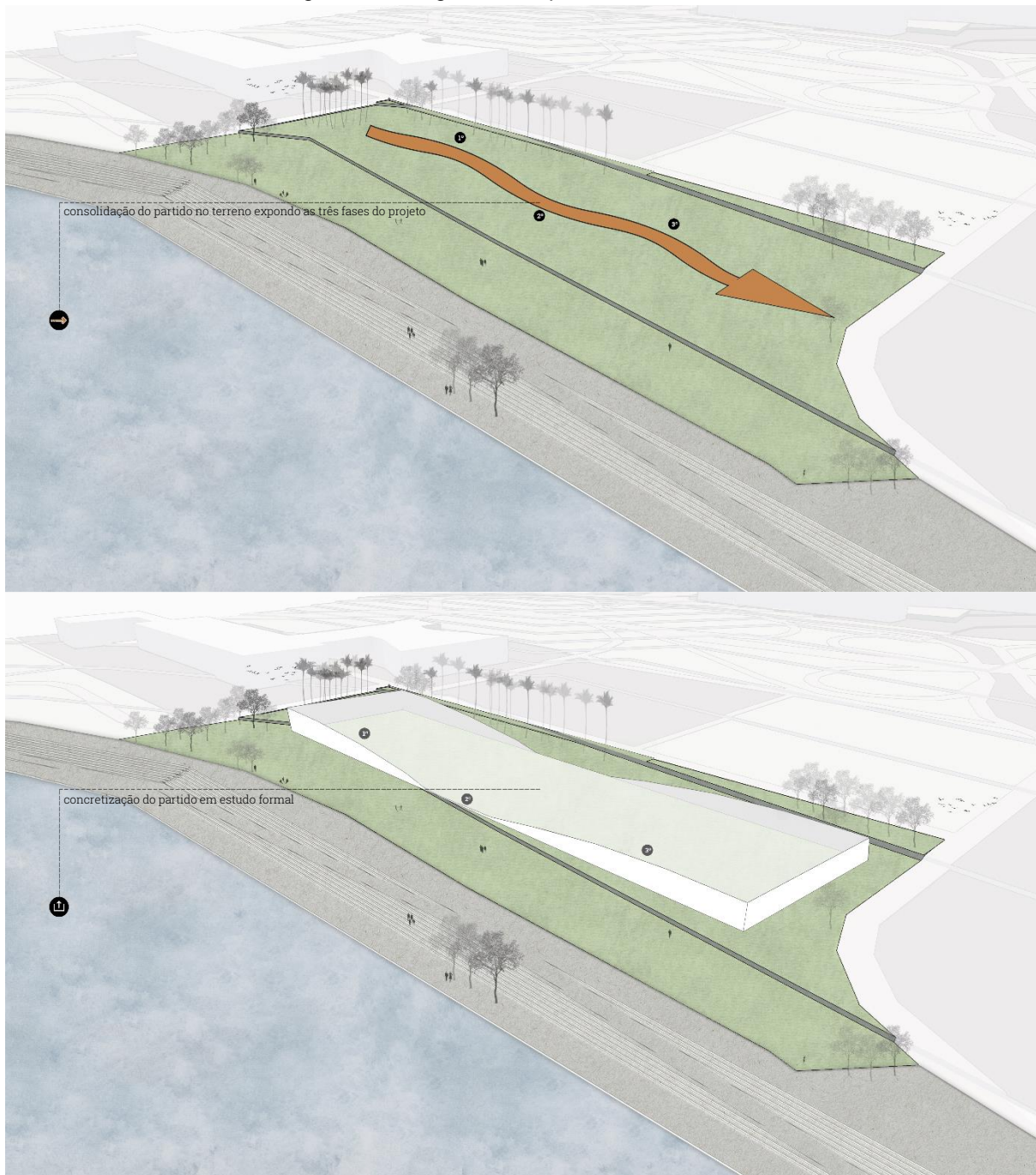
Figura 66 - Diagramas de plano massa 01 e 02.



Fonte: Autora, 2019.

Com o espaço de convívio concretizado, o partido se materializa no terreno, como pode ser visto na figura 67, que expõe os momentos do projeto e a volumetria resultante desse processo.

Figura 67 - Diagramas de plano massa 03 e 04.



Fonte: Autora, 2019.



A volumetria do memorial se desconfigura para obter melhores potenciais visuais tanto da cidade quanto do mar, como pode ser observado na figura 68. Sobre a cobertura do projeto, uma circulação é criada para servir como conexão dos espaços e melhor aproveitamento do edifício.

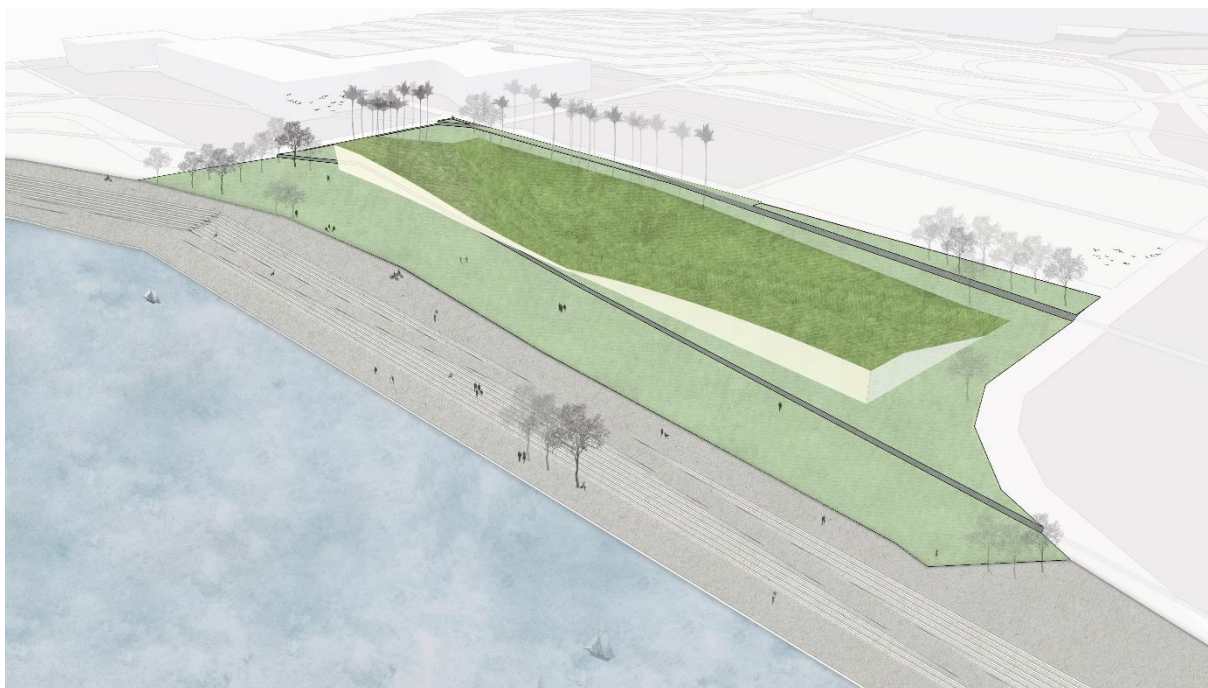
Figura 68 - Diagramas 05 e 06.



Fonte: Autora, 2019.

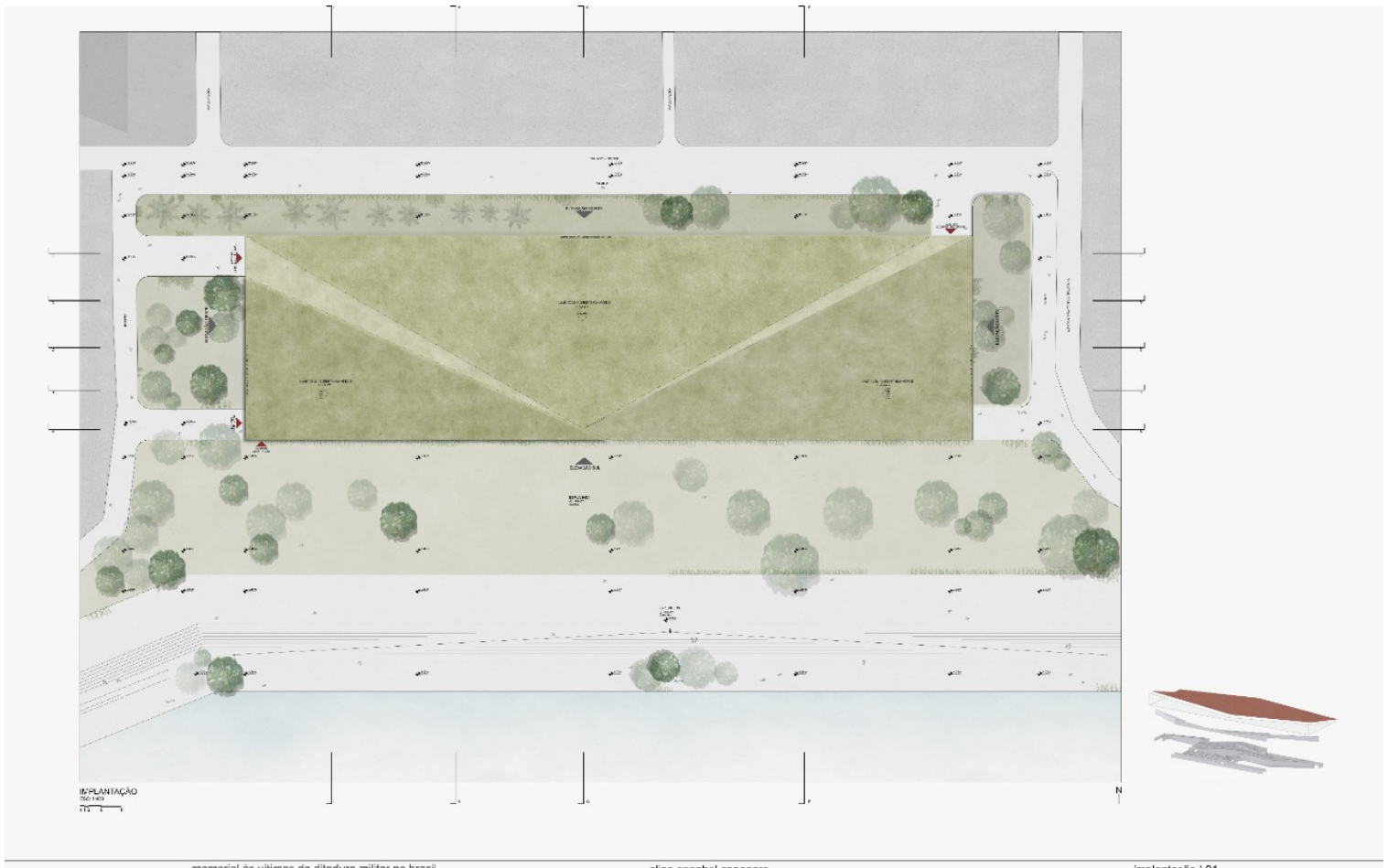
Por último, a figura 69 apresenta os diagramas finais, sendo o penúltimo, a concepção de uma cobertura verde para criar espaços de convívio e auxiliar no microclima.

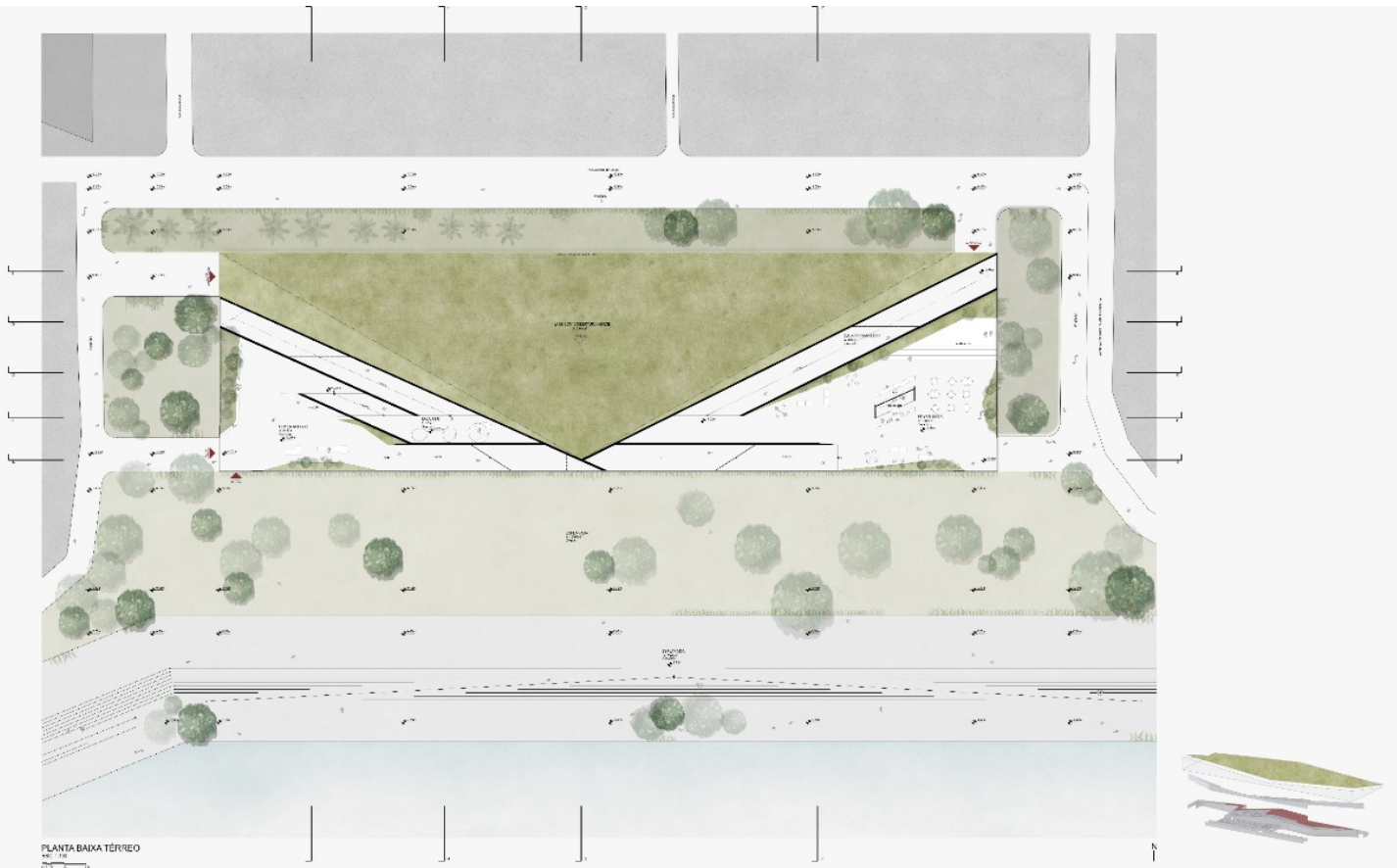
Figura 69 – Diagrama final.



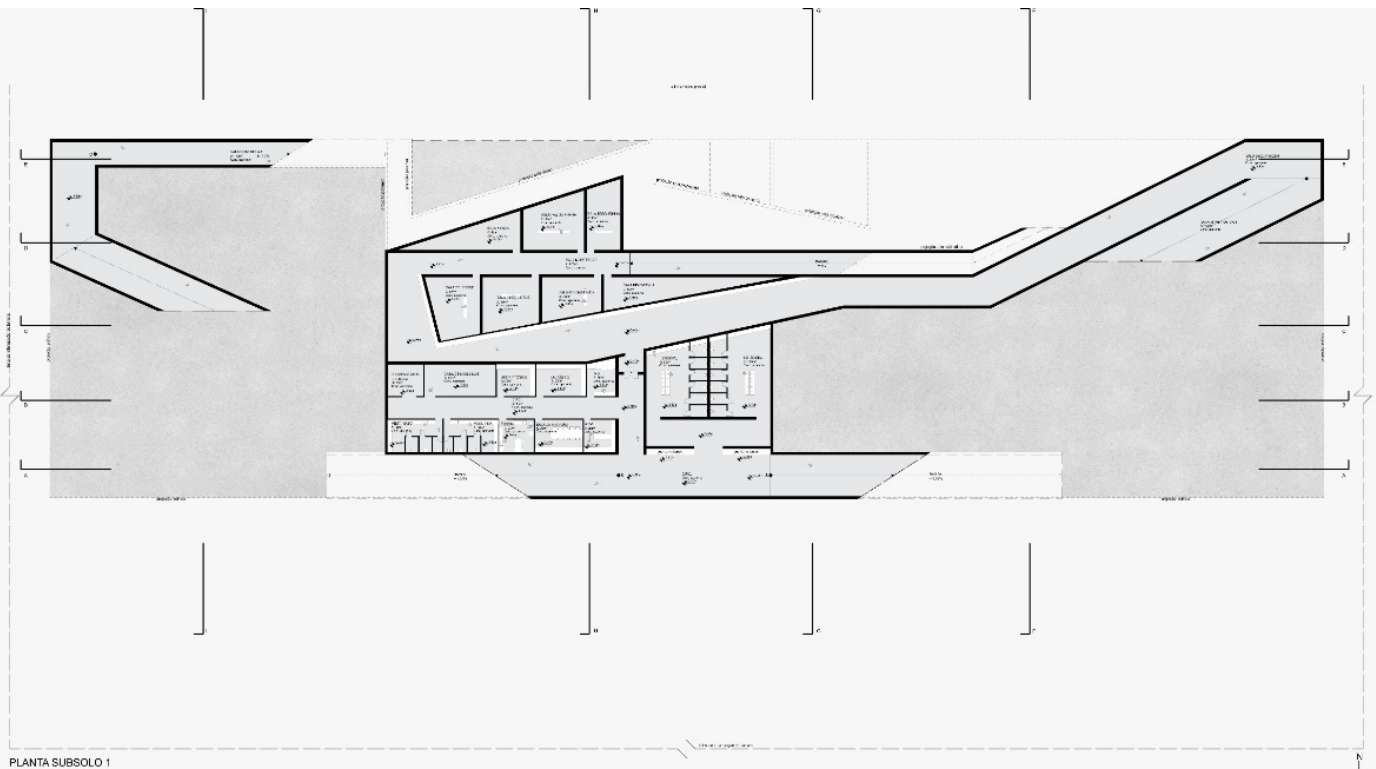
Fonte: Autora, 2019.

### 3.6 Anteprojeto

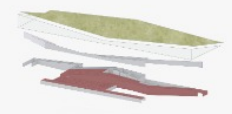


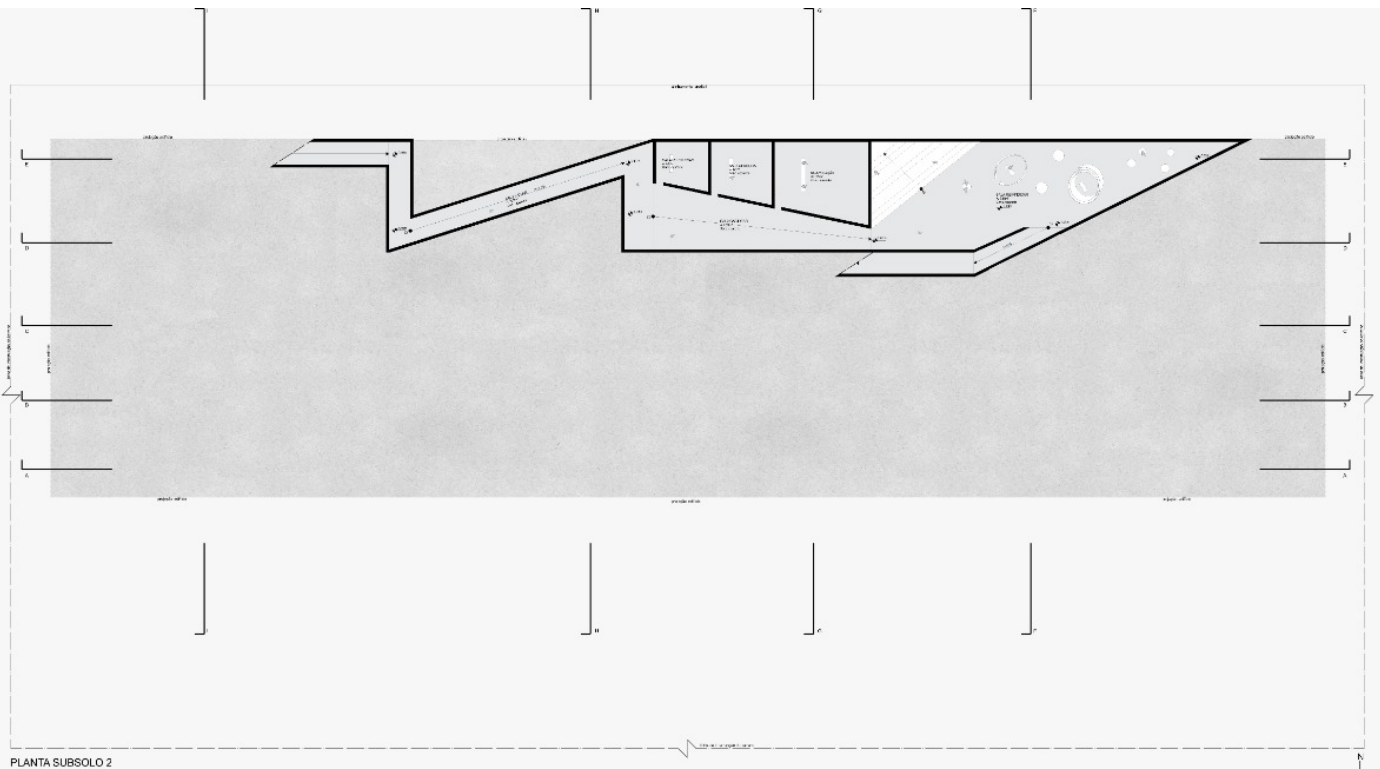


PLANTA BAIXA TERREO

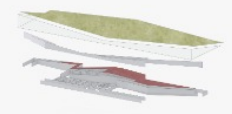


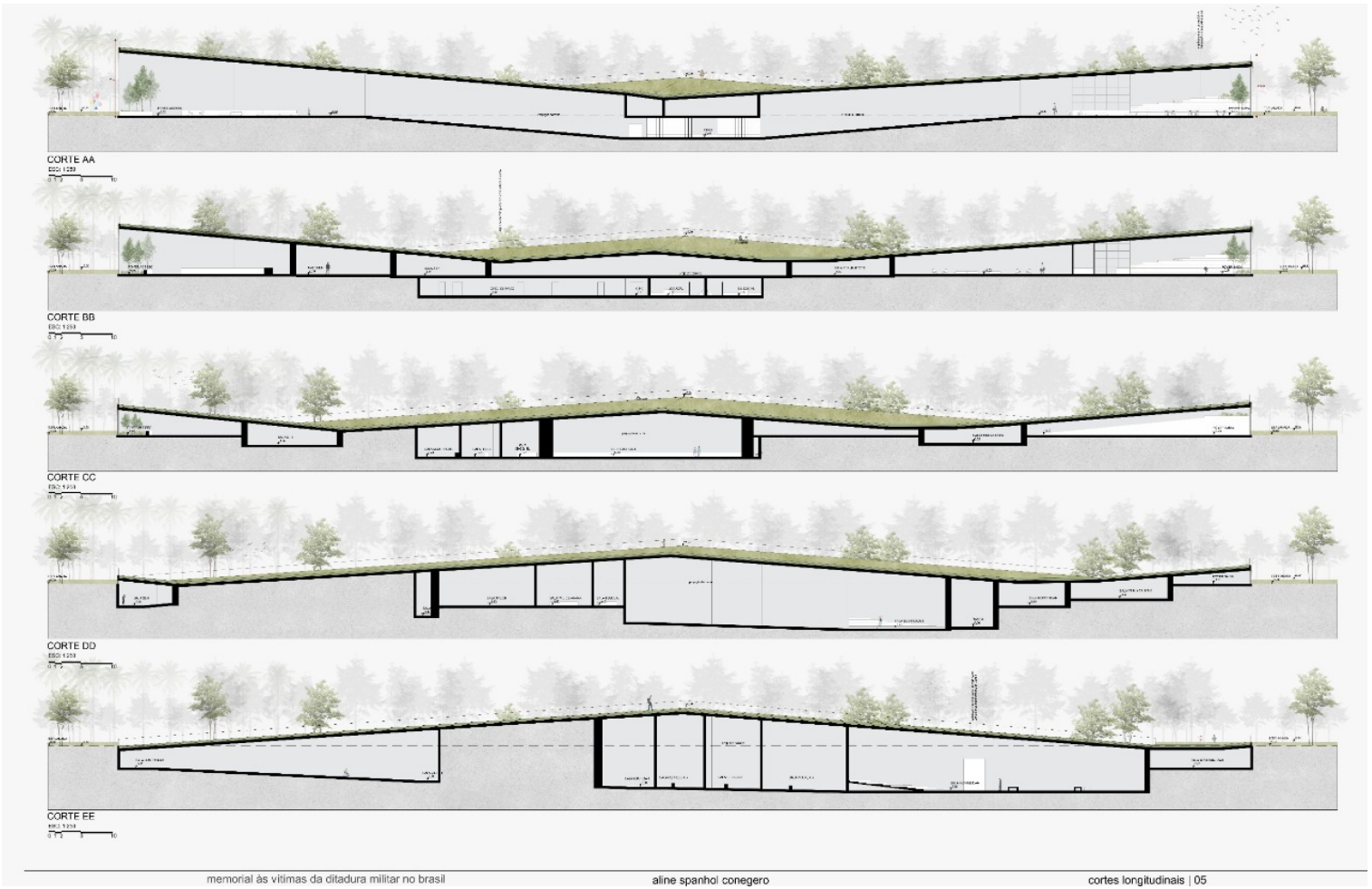
PLANTA SUBSOLO 1  
 1/50  
 8/7/2014



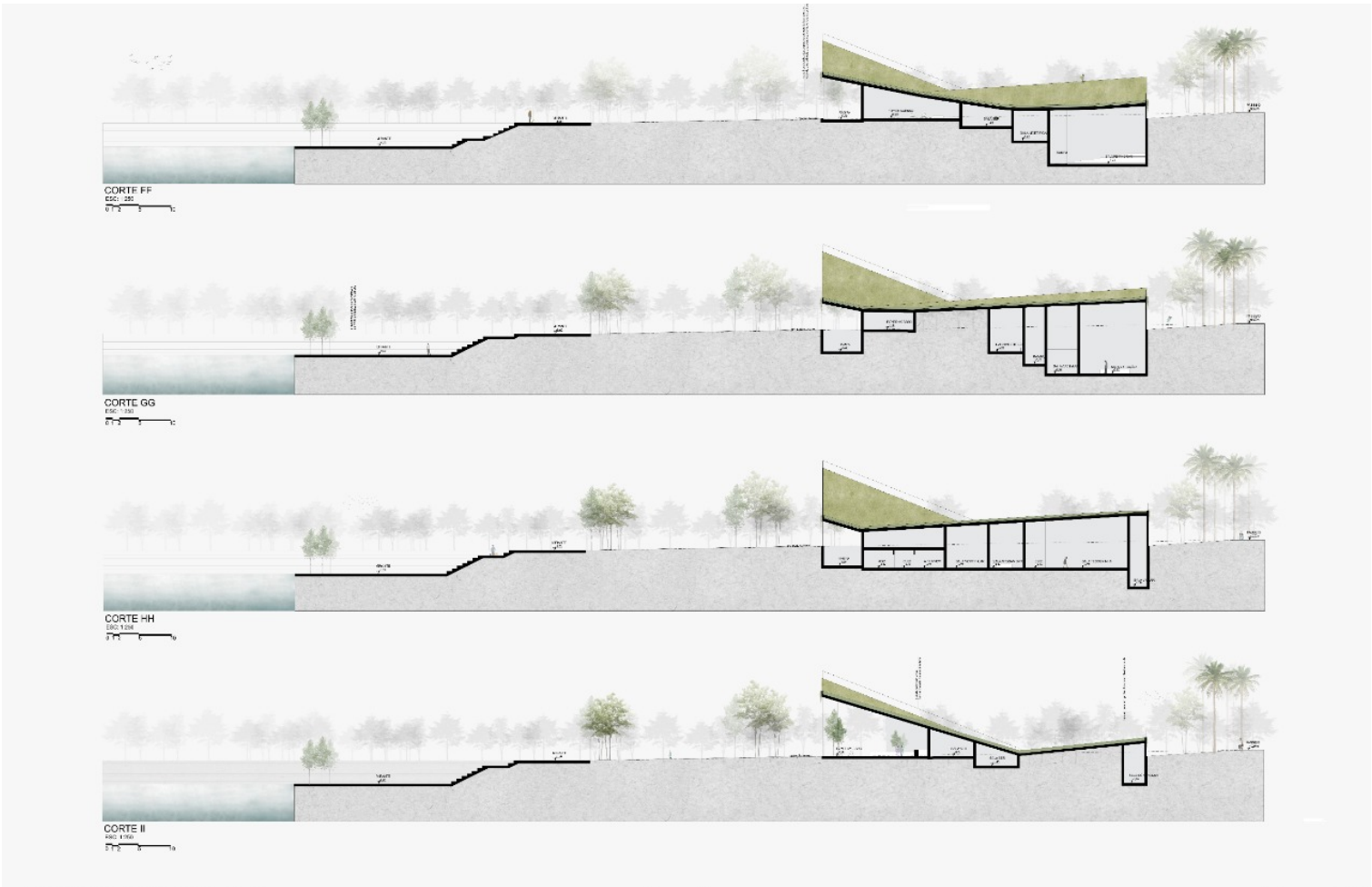


PLANTA SUBSOLO 2  
 1:50 1:250  
 0 1m



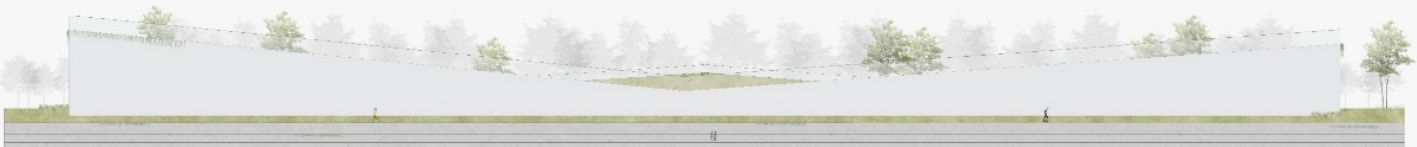




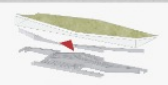




ELEVAÇÃO NORTE  
ESC. 1:200  
71.5



ELEVAÇÃO SUL  
ESC. 1:200  
71.5

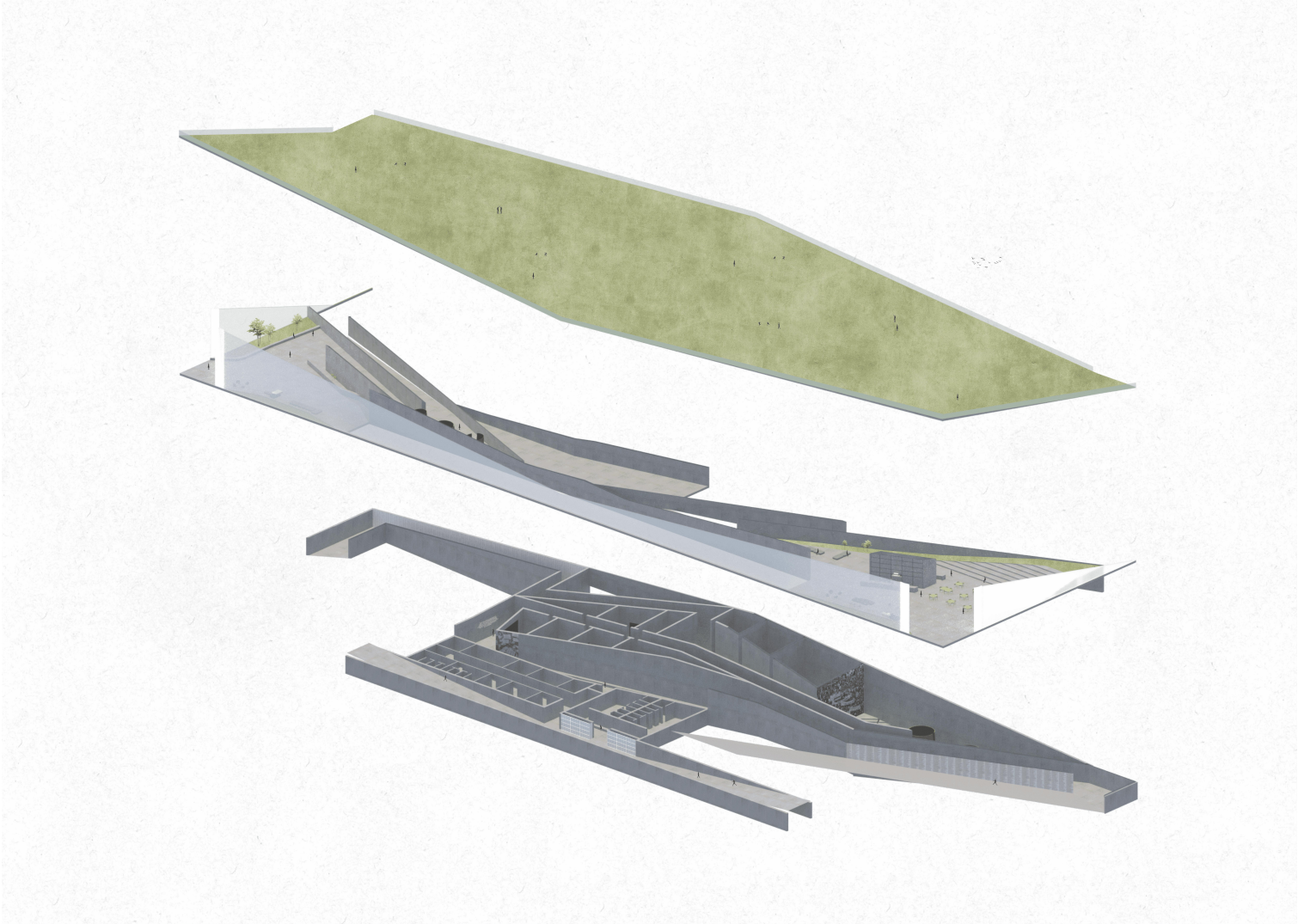


ELEVAÇÃO OESTE  
ESC. 1:200  
71.5



ELEVAÇÃO LESTE  
ESC. 1:200  
71.5





#### **4 CONCLUSÃO**

Após análises fica evidente que o tema é fundamental para a disseminação do assunto, conscientização sobre violação dos direitos humanos, tortura e outros meios de repressão e desrespeito ao ser humano.

O presente trabalho teve como objetivo denotar como os lugares de memória são fundamentais para a preservação da história política do país e para o processo de memorialização, honrar as vítimas e reconfortar seus familiares além de salientar a pertinência da criação de espaços reconfortantes, expositivos e sensoriais.

## REFERÊNCIAS

AECOM. **One World Trade Center**. 2 fotografias. Disponível em <https://www.aecom.com/projects/one-world-trade-center/>. Acesso em 1 junho 2019.

ANTONINI, Anaclara Volpi. **Lugares de memória da ditadura militar em São Paulo e as homenagens ao operário Santos Dias Silva**. 2017. 136 f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

ARCHDAILY. **Clássicos da arquitetura: Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro / Afonso Eduardo Reidy**. Disponível em <https://www.archdaily.com.br/br/758700/classicos-da-arquitetura-museu-de-arte-moderna-do-rio-de-janeiro-affonso-eduardo-reidy>. Acesso em 8 junho 2019

**ASSEMBLEIA GERAL DA ONU**. Resolução 65/209, A/RES/65/209. 30 de março de 2011. Disponível em <https://undocs.org/A/RES/65/209>. Acesso em 21 abril 2019.

AWAY PLAN. **The Holocaust Memorial**. 2012. 1 fotografia. Disponível em <http://www.awayplan.com/germany/berlin/things-to-do/memorial-to-the-murdered-jews-of-europe>. Acesso em 25 abril 2019.

AXT, Gunter. A função social de um memorial: a experiência com memória e história no Ministério Público. **MÉTIS: história & cultura**, v. 12, n. 24, p. 64-89, jul./dez. 2012.

BOSTON.COM. **Photos: Changes To The New York City Skyline**. 2011? 1 fotografia. Disponível em [http://archive.boston.com/news/nation/specials/sept\\_11\\_anniversary/changes\\_to\\_new\\_york\\_skyline/](http://archive.boston.com/news/nation/specials/sept_11_anniversary/changes_to_new_york_skyline/). Acesso em 25 abril 2019.

BRASIL. **Ato Institucional nº 5, de 13 de dezembro de 1968**. São mantidas a Constituição de 24 de janeiro de 1967 e as Constituições Estaduais; O Presidente da República poderá decretar a intervenção nos estados e municípios, sem as limitações previstas na Constituição, suspender os direitos políticos de quaisquer cidadãos pelo prazo de 10 anos e cassar mandatos eletivos federais, estaduais e municipais, e dá outras providências. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/AIT/ait-05-68.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/AIT/ait-05-68.htm). Acesso em 15 abril 2019.

BRITANNICA KIDS. **Visitors walking through the Memorial to the Murdered Jews of Europe, a Holocaust memorial in Berlin, Germany, are dwarfed by more than 2,700 concrete slabs**. 1 fotografia. Disponível em <https://kids.britannica.com/students/assembly/view/143307>. Acesso em 20 abril 2019.

BUCCI, Martha Dallari. **Arquitetura da memória: A construção de uma rede de lugares de memória da ditadura militar na cidade de São Paulo**. 2015. 177 f. Trabalho de Final de Graduação (Bacharel em Arquitetura e Urbanismo) –

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

BUROHAPPOLD. **Memorial to the Murdered Jews Of Europe**. Disponível em <https://www.burohappold.com/projects/memorial-to-the-murdered-jews-of-europe/>. Acesso em 24 abril 2019.

CANSTOCKPHOTO. **Map – Berlin (Germany)**. 2011. 1 fotografia. Disponível em <https://www.canstockphoto.com/map-berlin-germany-38228164.html>. Acesso 18 abril 2019.

CASH CAR. **Turismo Aterro do Flamengo**. 1 fotografia. Disponível em <https://www.cashcar.com.br/turismo-aterro-do-flamengo/>. Acesso em 9 junho 2019.

CLIPARTBEST.COM. **Blank New York Map**. 1 fotografia. Disponível em <http://www.clipartbest.com/clipart-aiqeA56yT>. Acesso em 20 abril 2019.

**COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE**. Brasília, DF, Disponível em <http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/>. Acesso em: 10 março 2019.

\_\_\_\_\_. **Relatório**. Brasília: CNV, 2014, vol. I, tomo I, p.438. Acesso em 19 de março de 2019, disponível em <http://www.cnv.gov.br/>.

DATA RIO. **Rio em síntese**. Disponível em <http://www.data.rio/pages/rio-em-sntese-2>. Acesso em 8 junho 2019.

DAVIS BRODY. **National September 11 Memorial Museum**. Disponível em <http://www.davisbrody.com/portfolio/national-september-11-memorial-museum/>. Acesso em 24 abril 2019.

DOIS MEGAPIXEL. **Flamengo**. 1 fotografia. Disponível em <https://doismp.wordpress.com/tag/aterro-do-flamengo/>. Acesso em 11 junho 2019.

DOLFF-BONEKÄMPER, Gabi, “**Sites of hurtful memory**”, The Getty Conservation Institute Newsletter, vol. 17, ner. 2 Los Angeles, 2002, p. 4-10.

EISENMAN ARCHITECTS. **Berlin Memorial To The Murdered Jews Of Europe**. 3 fotografias. Disponível em <https://eisenmanarchitects.com/Berlin-Memorial-to-the-Murdered-Jews-of-Europe-2005>. Acesso em 20 abril 2019.

FERRARI, Julio Cesar e PEREIRA, Rafael Caluz. **A Imposição da Ditadura Militar na Sociedade Brasileira: Uma breve analogia do comportamento Estado/Oposição**. São Paulo, 2009. Disponível em <http://www.unisaesiano.edu.br/encontro2009/trabalho/aceitos/PO21949907802.pdf>. Acesso em 14 março 2019.

FREE US AND MAP WORLD MAPS.COM. **Royalty Free Germany Printable, Blank Maps**. 2010. 1 fotografia. Disponível em

<https://www.freeusandworldmaps.com/html/Countries/Europe%20Countries/GermanyPrint.html>. Acesso em 20 abril 2019.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa, 4º edição**. Atlas: São Paulo, 2002.

GIRÃO, Claudia. **Parque do Flamengo, Rio de Janeiro, Brasil: o caso da marina – parte 1**. *Arquitextos*, São Paulo, ano 12, n. 135.01, Vitruvius, jul. 2011. Disponível em <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/12.135/4014>. Acesso em 10 junho 2019.

GUERRA, Abilio; SILVA, Aline Alcântara. **Conversa com Anna Julia Dietzsch. Praça Victor Civita - Museu Aberto da Sustentabilidade**. *Projetos*, São Paulo, ano 11, n. 126.03, Vitruvius, jun. 2011 <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/11.126/3946>. Acesso em 20 abril 2019.

IBGE. **Rio de Janeiro**. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/panorama>. Acesso em 8 junho 2019.

INHABITAT. **9/11 Memorial Museum's Design Honors the History and Recovery of Ground Zero**. 2014. 3 fotografias. Disponível em <https://inhabitat.com/nyc/911-memorial-museums-design-honors-the-history-and-recovery-of-ground-zero/911-memorial-museum-slurry-wall>. Acesso em 21 abril 2019.

INTERNET GEOGRAPHY. **What is the location and importance of Rio de Janeiro**. Disponível em <https://www.internetgeography.net/topics/what-is-the-location-and-importance-of-rio-de-janeiro/>. Acesso em 9 junho 2019.

IRIT DEKEL. Researchgate. **Memorial to the Murdered Jews of Europe: Interior view of Foyer 1 and 2 in the Information Centre with six portraits on the front wall, April 2005**. 2005. 1 fotografia. Disponível em [https://www.researchgate.net/figure/Memorial-to-the-Murdered-Jews-of-EuropeInterior-view-of-Foyer-1-and-2-in-the\\_fig3\\_235767883](https://www.researchgate.net/figure/Memorial-to-the-Murdered-Jews-of-EuropeInterior-view-of-Foyer-1-and-2-in-the_fig3_235767883). Acesso em 24 abril 2019.

JIMY GLASS CO. 1 fotografia. Disponível em <https://www.glassmanufacturerchina.com/pt/products/6mm-translucent-acid-etched-glass-price-China-6mm-sandblasted-glass-manufacturer-6mm-decorative-etch.html#.XUI5jIVKjIV>. Acesso em 20 julho 2019.

KARDORFF. **Information center – Memorial to the murdered Jews of Europe**. 2 fotografias. Disponível em <http://www.kardorff.de/en/project/information-center-%E2%80%93-memorial-murdered-jews-europe>. Acesso em 24 abril 2019.

ROSENFELD, Karissa. **"National September 11 Memorial / Handel Architects with Peter Walker"**. 2012. ArchDaily. Disponível em <https://www.archdaily.com/272400/national-september-11-memorial-handel-architects-with-peter-walker/> ISSN 0719-8884. Acesso em 18 abril 2019.

\_\_\_\_\_. **"9/11 Memorial Museum / Davis Brody Bond"**. 2014. ArchDaily. Disponível em <https://www.archdaily.com/488508/davis-brody-bond-releases-new-details-of-the-9-11-memorial-museum/>. ISSN 0719-8884. Acesso em 25 abril 2019.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

Lei nº 12.528, de 18 de novembro de 2011. **Cria a Comissão Nacional da Verdade no âmbito da Casa Civil da Presidência da República**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 18 nov. 2011. Disponível em [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2011/lei/l12528.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/l12528.htm). Acesso em 18 abril 2019.

LUCENA, Palmeira Francisco. **Peter Eisenman: Autonomia crítica da arquitetura**. 2010, 201 f. Dissertação (História Social da Cultura) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2010.

MAKESHIFT. **Precedent: Memorial to the Murdered Jews of Europe (Holocaust Memorial)**. 2017. 2 fotografias. Disponível em <https://makeshiftmemorials.wordpress.com/2017/01/23/precedent-memorial-to-the-murdered-jews-of-europe-holocaust-memorial/>. Acesso em 18 abril 2019.

MAPBOX. **Maps**. Disponível em <https://www.mapbox.com/maps/>. Acesso em 8 junho 2019.

MAPS OF WORLD. **Blank Map of Brazil**. 2014. 1 fotografia. Disponível em <https://www.mapsofworld.com/brazil/brazil-outline-map.html>. Acesso em 12 abril 2019.

MICHAELIS. Estela. Disponível em <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/estela/>. Acesso em 20 abril 2019.

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. **Brasil Nunca Mais Digital**. Disponível em: <http://bnmdigital.mpf.mp.br/pt-br/>. Acessado em 9 abril 2019.

NAIDU, Ereshnee. **Da Memória à Ação: Um Kit de Ferramentas para a Memorialização em Sociedades Pós-Conflito**. Tradução de Juliana Oliveira Carlos. Brasília: Ministério da Justiça /Comissão de Anistia (Brasil), 2010.

NEVES, Deborah Regina Leal. **A persistência do passado: patrimônio e memoriais da ditadura em São Paulo e Buenos Aires**. 2014. 266 f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.

YAMAMOTO. João Carlos Amaral. **Entre Eisenman, Berlim e o Memorial**. 2014. 170 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.



NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História; Revista do Programa de Estudos pós-graduados em História do Departamento de História, São Paulo, v 10. P. 7-28, dez, 1993.

OLIVEIRA, Ana Rosa de. Parque do Flamengo: **Instrumento de planificação e resistência**. Arqutextos, São Paulo, ano 07, n. 079.05, Vitruvius, dez. 2006. Disponível em <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqutextos/07.079/288>. Acesso em 8 junho 2019.

**PARQUE DO FLAMENGO**. Disponível em <http://www.parquedoflamengo.com.br/sobre-o-parque/>. Acessado em 9 junho 2019.

PARQUE DO FLAMENGO BLOGSPOT. **Sobre o blog**. 1 fotografia. Disponível em <http://parquedoflamengo.blogspot.com/p/sobre-o-blog.html>. Acesso em 12 junho 2019.

PORTAL VITRUVIUS. **Museu e Memorial Nacional 11 de Setembro. No World Trade Center**. *Projetos*, São Paulo, ano 10, n. 117.02, Vitruvius, set. 2010 Disponível em [http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/10.117/3643/pt\\_BR](http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/10.117/3643/pt_BR). Acessado em 25 abril 2019.

\_\_\_\_\_. **The 9/11 Memorial Museum**. *Projetos*, São Paulo, n. 162.01, Vitruvius, jun. 2014. Disponível em <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/14.162/5206>. Acesso em 25 abril 2019.

ROULAN TONG. **Peter Eisenman – Memorial to the Murdered Jews of Europe**. 2014. 2 fotografia. Disponível em <https://roulantong.wordpress.com/2014/03/05/peter-eisenman-memorial-to-the-murdered-jews-of-europe/>. Acesso em 11 abril 2019.

SILVA, Luiz Gabriel. **Repressão e resistência na ditadura civil-militar: construção de site temático para o ensino de história local (Curitiba – PR)**. 2018. 151 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

SOARES, Inês Virgínia Prado; QUINALHA, Renan Honório. Lugares de Memória no Cenário Brasileiro da Justiça de Transição. **Revista Internacional de Direito e Cidadania**, n. 10, p.75-86, jun. 2011. Quadrimestral.

STATISTISCHE AMTER. **Área e população por país**. 2014. Disponível em <https://www.statistikportal.de/de/bevoelkerung/flaechen-und-bevoelkerung>. Acesso em 25 abril 2019.

TA INDO PRA ONDE. **Museu Judaico e Memorial do Holocausto em Berlim**. 2016. 1 fotografia. Disponível em <https://www.taindopraonde.com.br/2016/09/museu-judaico-memorial-holocausto-berlim.html>. Acesso em 25 abril 2019.

TEXTURES.COM. **ConcreteNew0012**. 1 fotografia. Disponível em <https://www.textures.com/download/concretenew0012/11262>. Acesso em 20 julho 2019.

TELES, Janaina de Almeida. **Memórias dos cárceres da ditadura: os testemunhos e as lutas dos presos políticos no Brasil**. 2011. 519 f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011.

THE CHAUTAUQUAN DAILY. **Allison Blais' multimedia presentation to focus on 9/11 Memorial & Museum**. 2018. 1 fotografia. Disponível em <http://chqdaily.com/2018/08/allison-blais-multimedia-presentation-to-focus-on-9-11-memorial-museum/>. Acesso em 18 abril 2019.

THOUGHT CO. **About the 2005 Berlin Holocaust Memorial**. 2018. 1 fotografia. Disponível em <https://www.thoughtco.com/the-berlin-holocaust-memorial-by-peter-eisenman-177928>. Acesso em 25 abril 2019.

TIME. **One World Trade Center Opens Its Doors**. 2014. 1 fotografia. Disponível em <http://time.com/3553897/one-world-trade-center-freedom-tower-opens-doors-new-york-city-911/>. Acesso em 20 abril 2019.

Vladimir Belogolovsky. **"Interview with Peter Eisenman: "I Am Not Convinced That I Have a Style"**. ArchDaily. 2016. 1 fotografia. <https://www.archdaily.com/785334/interview-with-peter-eisenman-i-am-not-convinced-that-i-have-a-style/> ISSN 0719-8884. Acesso em 18 abril 2019.

WIKIMEDIA COMMONS. **Blank US Map**. 1 fotografia. Disponível em [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Blank\\_US\\_Map\\_\(states\\_only\).svg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Blank_US_Map_(states_only).svg). Acesso em 19 abril 2019.

WIRED. **The Near-Impossible Challenge of Designing the 9/11 Museum**. 2014. Disponível em <https://www.wired.com/2014/05/911-museum-3/>. Acesso em 20 abril 2019.

**911MEMORIAL**. Disponível em <https://www.911memorial.org/>. Acesso em 21 abril 2019.

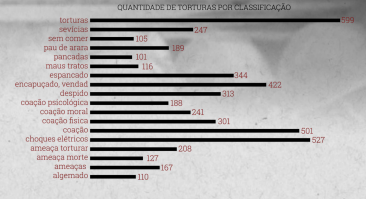
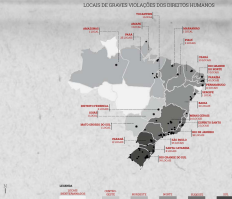
\_\_\_\_\_. **About Memorial**. Disponível em <https://www.911memorial.org/about-memorial>. Acesso em 21 abril 2019.

Encontrar um desaparecido é honrá-lo, dar-lhe um lugar na memória. A palavra 'desaparecido' esconde quatro atos – o sequestro, a tortura, o assassinato, e o desaparecimento. Porque sabemos que não estão desaparecidos, sabemos que foram torturados.

# DITADURA ASSASSINA

## MEMORIALIZAÇÃO DA TORTURA: Memorial às Vítimas da Ditadura Militar no Brasil

A Ditadura Militar no Brasil deixou 191 mortos e 243 desaparecidos políticos do ano de 1946 a 1988, sendo a maioria das mortes decorrentes de tortura por órgãos do governo. Além das vítimas fatais, presos políticos e seus familiares ainda sofrem com o esquecimento de um período tão importante da história do país. O objetivo do trabalho é utilizar a arquitetura como meio de memorializar os acontecimentos traumáticos do episódio, apontar como os lugares de memória são importantes para a preservação da história política, além de honrar as vítimas e reconfortar seus familiares.



O partido arquitetônico baseia-se em guiar o usuário ao um percurso que o fará passar pelo processo de luto e transição pela vida. O projeto se divide em três momentos, sendo o primeiro, existir, que simboliza as vítimas ainda em seu cotidiano antes do regime. O segundo, resistir, expressa o sofrimento dos presos políticos ao passar pela fase mais sombria da ditadura. Por fim, o terceiro momento, reexistir, conta sobre os momentos após o término do regime, e com o auxílio da arquitetura, preserva a memória das vítimas.



**livre** liberdade sobre o solo tranquilidade temp. amena segurança claro agradável largo

**capturado** subido cárcere frio desproteção calor sufocamento escuro medo estreito caustofobia

**livre** sobre o solo liberdade temp. amena tranquilidade claro segurança largo agradável

